



Programa de
Pós-Graduação em
Linguística

ANÁLISE CONTRASTIVA DOS VERBOS LOCATIVOS
DO PORTUGUÊS DO BRASIL E DO PORTUGUÊS EUROPEU

Roana Rodrigues

São Carlos
2016



Universidade Federal de São Carlos

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

ANÁLISE CONTRASTIVA DOS VERBOS LOCATIVOS
DO PORTUGUÊS DO BRASIL E DO PORTUGUÊS EUROPEU

ROANA RODRIGUES
BOLSISTA FAPESP

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Linguística, área de concentração: Descrição, análise e processamento automático de línguas naturais.

Orientador: Prof. Dr. Oto Araújo Vale

Coorientador: Prof. Dr. Jorge Baptista

São Carlos
2016

Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da Biblioteca Comunitária UFSCar
Processamento Técnico
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

R696a Rodrigues, Roana
Análise contrastiva dos verbos locativos do português do Brasil e do português europeu / Roana Rodrigues. -- São Carlos : UFSCar, 2016.
71 p.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal de São Carlos, 2016.

1. Locativos. 2. Verbos locativos. 3. Análise contrastiva. 4. Português. 5. Léxico-gramática. I. Título.

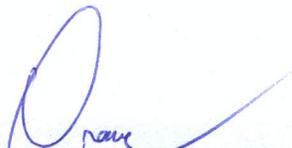


UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Linguística

Folha de Aprovação

Assinaturas dos membros da comissão examinadora que avaliou e aprovou a Defesa de Dissertação de Mestrado da candidata Roana Rodrigues, realizada em 14/03/2016:



Prof. Dr. Oto Araujo Vale
UFSCar



Prof. Dr. Renato Miguel Basso
UFSCar



Prof. Dr. Éric Guy Claude Laporte
UPEM

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, ao Professor Doutor Oto Araújo Vale, pela confiança, estímulo e orientação desde o início da minha trajetória acadêmica. Sou muito grata pelas críticas e sugestões ao longo deste trabalho.

Um agradecimento especial ao Professor Doutor Jorge Baptista, da Universidade do Algarve, por ter aceitado ser coorientador desta dissertação e por ter me acolhido tão bem em Portugal. Agradeço pelas numerosas conversas produtivas e pelo rigor e competência profissional.

Agradeço igualmente à Professora Doutora Gladis Maria de Barcellos Almeida, ao Professor Doutor Renato Miguel Basso e ao Professor Doutor Eric Laporte pelo aceite em fazer parte da banca examinadora desta dissertação.

Ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL/UFSCar), pelo apoio institucional e à Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve (FCHS/UAlg), pelo acompanhamento durante o estágio de pesquisa no exterior.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal (CAPES), pelo apoio financeiro durante o primeiro ano do Mestrado e à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), pelo apoio financeiro tanto da bolsa do país (Processo: 2014/07747-7), quanto da bolsa de estágio de pesquisa no exterior (Processo: 2015/01869-6), realizado na Universidade do Algarve, em Portugal.

Dedico meus agradecimentos aos meus pais, meus irmãos e ao Augusto Gasparetto, por acreditarem em mim e estarem sempre ao meu lado. À Heloisa de Aquino e Melo e à Rafaela Souza, pelos anos de amizade e apoio. Aos companheiros de pós-graduação, em especial ao Jackson Souza e à Ana Paula Cavaguti, pelas leituras compartilhadas, pela amizade e carinho.

RESUMO

Os verbos locativos estabelecem uma relação de localização entre um objeto e um lugar e são muito frequentes. A presente pesquisa descreve o fenômeno das construções verbais locativas em língua portuguesa e apresenta uma análise contrastiva de dois estudos atuais sobre a classificação dessas construções realizados para o português brasileiro e o português europeu, na qual é possível identificar os pontos de intersecção e de divergências entre as duas variantes da língua portuguesa. A partir dos dados aqui descritos, espera-se contribuir na descrição linguística do fenômeno das construções locativas, assim como na construção de recursos linguísticos que possam ser utilizados em diferentes aplicações didáticas e no processamento de língua natural.

Palavras-chave: *Locativos, Verbos Locativos, Análise Contrastiva, Português, Léxico-Gramática.*

ABSTRACT

Locative verbs establish a locative relation between an object and a location and are very frequent in different types of texts. This thesis aims at describing the phenomenon of locative verb constructions in Portuguese and contrasting two recent studies on the syntactic-semantic classification of these constructions carried out for Brazilian and European Portuguese. This contrastive analysis presents not only the classes of locative constructions already determined, but also the intersection and divergence points between the two variants of the Portuguese language. The data here described is expected to contribute in the construction of language resources, which could be used in several didactic applications and in natural language processing.

Keywords: *Locatives, Locative verbs, Contrastive analysis, Portuguese, Lexicon-Grammar.*

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Interpretações das locuções prepositivas com valor locativo (Neves, 2000)	22
Quadro 2. Valores relacionados aos advérbios pronominais.....	25
Quadro 3. Exemplo de Matriz Binária (ViPEr).....	44

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Comparação entre as classes propostas por Macedo (1987) e Baptista (2013).....	29
Tabela 2. Classes dos verbos de mudança do Português do Brasil (Cançado <i>et al.</i> , 2013).....	36
Tabela 3. Classes dos verbos locativos do Português Europeu (Baptista, 2013)	47
Tabela 4. Análise contrastiva da classificação (<i>Catálogo /ViPEr</i>).....	51

Lista de Símbolos e Convenções

<i>Advl</i>	advérbio de lugar
<i>E</i>	elemento vazio numa comutação
<i>Loc</i>	preposição locativa: <i>loc-d</i> preposição locativa de destino; <i>loc-s</i> preposição locativa de origem
<i>Ni</i>	nome ou grupo nominal que ocupa uma dada posição sintática numa construção: N_0 representa o sujeito; N_1 e N_2 , os vários complementos
N_a	nome ou grupo nominal argumento do lugar
<i>Nhum</i>	nome ou grupo nominal humano
<i>N-hum</i>	nome ou grupo nominal não-humano
<i>Nloc</i>	nome ou grupo nominal locativo
N_{lg}	nome ou grupo nominal locativo
<i>Nnr</i>	nome ou grupo nominal não-restrito
<i>Nobj</i>	nome ou grupo nominal objeto
<i>Npc</i>	nome ou grupo nominal parte do corpo
<i>Npl</i>	nome ou grupo nominal plural
<i>PB</i>	Português Brasileiro
<i>PE</i>	Português Europeu
<i>Prep</i>	preposição
<i>V</i>	verbo
<i>V-din</i>	verbo locativo dinâmico
<i>V-stat</i>	verbo locativo estático
<i>Vsup</i>	verbo-suporte
*	marca de inaceitabilidade da frase
?	marca de aceitabilidade duvidosa
°	marca de frase aceitável, mas com significado diferente do significado da frase analisada

Índice

CAPÍTULO 1 - INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO 2 - OBJETO DE ESTUDO: CONSTRUÇÕES LOCATIVAS.....	5
2.1 Precisão Terminológica	11
2.2 Construção Locativa Transitiva Direta.....	14
2.3 Interpretação locativa de nomes	16
2.4 Omissão dos complementos locativos.....	18
2.5 Outras formas de expressar localização.....	20
2.5.1 Preposições.....	20
2.5.2 Advérbios	23
2.6 Contribuições do trabalho de Macedo (1987)	25
CAPÍTULO 3 - ANÁLISE CONTRASTIVA <i>CATÁLOGO</i> E <i>VIPER</i>	30
3.1 O <i>Catálogo</i>	30
3.1.1 Decomposição de Predicados	31
3.1.2 Classificação dos verbos de mudança no <i>Catálogo</i>	34
3.2 O <i>ViPEr</i>	42
3.2.1 O modelo do Léxico-Gramática	42
3.2.2 Classificação dos verbos locativos no <i>ViPEr</i>	45
3.3 Análise contrastiva	50
CAPÍTULO 4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS	58
REFERÊNCIAS	61
ANEXOS.....	64

Capítulo 1

INTRODUÇÃO

O presente trabalho pretende descrever o fenômeno linguístico das construções de verbos locativos em língua portuguesa. Sabe-se que um grande número de verbos estabelece uma relação de *localização* entre os seus constituintes. Os exemplos de (1) a (9) ilustram algumas dessas construções:

- (1) *O Pedro morou em São Paulo.*
- (2) *O Pedro entrou na sala.*
- (3) *O Pedro saiu da sala.*
- (4) *O Pedro passou por São Paulo.*
- (5) *O Pedro retirou o livro da mesa.*
- (6) *O Pedro transportou as caixas do caminhão para o armazém.*
- (7) *O Pedro invadiu a sala.*
- (8) *O Pedro enjaulou o leão.*
- (9) *O Pedro apimentou a comida.¹*

Segundo Baptista (2013), todas as frases acima estabelecem com seus elementos uma relação de *localização*. Em (1), o verbo *morar* seleciona um complemento locativo *estativo* introduzido pela preposição *em*. Nos demais exemplos, têm-se uma relação locativa *dinâmica*, já que os verbos denotam movimento. Em (2), o verbo seleciona um complemento locativo de *destino*, em (3), um complemento locativo de *origem* e em (4), um complemento locativo de *trajetória*. Observam-se ainda casos nos quais é o objeto direto que ocupa um *lugar*, como em (5), com *livro* e em (6) com *caixas*. Ainda na frase (6), verifica-se que algumas construções verbais locativas podem selecionar tanto um complemento locativo de *origem* (*do caminhão*) quanto um complemento locativo de *destino* (*para o armazém*). As frases (7), (8) e (9), por sua vez, ilustram as construções locativas transitivas diretas. Ressalta-se que em (8) e

¹ A construção com o verbo *apimentar* é considerada no trabalho de Baptista (2013) como uma construção verbal locativa. No entanto, para outros autores, como Cançado *et al.* (2013b), trata-se de uma construção verbal de posse. A discussão a respeito dos valores veiculados por este tipo de construção será melhor traçada na subseção 3.3.

(9) é possível observar que o verbo é construído sobre um nome cognato: em (8), a estrutura do verbo já identifica o nome do *lugar* ao qual está veiculado (*enjaular o leão numa jaula de ferro*), já em (9), a estrutura do verbo se constrói com base no nome do *objeto* que está no *lugar* (*apimentar: a pimenta está na comida*).

Por ser um fenômeno recorrente em língua portuguesa, procuramos descrevê-lo e apresentar como a relação de *localização* se estabelece linguisticamente, a partir de alguns testes formais sintáticos e semânticos. Para tanto, nos baseamos em estudos anteriormente realizados sobre as construções verbais locativas, como os trabalhos apresentados por Macedo (1987) e Guillet & Leclère (1992) e contrastamos as classificações sintático-semânticas dos verbos locativos na variante do português do Brasil (doravante PB), a partir do trabalho de Cançado *et al.* (2013b), que aqui denominaremos *Catálogo*, e do português europeu (doravante PE), com o trabalho de Baptista (2013) denominado *ViPEr*. Trata-se de trabalhos recentes que contêm um número relativamente grande de construções verbais analisadas.

O *Catálogo* (Cançado *et al.*, 2013b) tem como base teórico-metodológica a decomposição de predicados. Nele, as autoras classificam os verbos de mudança do português brasileiro. Partindo do dicionário gramatical de verbos do português contemporâneo brasileiro, elaborado por Borba *et al.* (1990), Cançado *et al.* selecionaram manualmente os verbos que designam mudança e os classificaram em: *mudança de estado* (*volitivo*, *opcionalmente volitivo*, *não volitivo* e *incoativo*), *mudança de estado locativo*, *mudança de lugar* e *mudança de posse*. Ao todo, o *Catálogo* apresenta propriedades sintático-semânticas relativas a 862 construções verbais.

Por sua vez, o *ViPEr* (Baptista, 2013) é um banco de dados dos verbos do português europeu, que tem como arcabouço teórico-metodológico o Léxico-Gramática. Nesse trabalho, Baptista analisa aproximadamente 116 propriedades sintáticas, semânticas, estruturais, transformacionais e distribucionais de aproximadamente 6.500 construções verbais e as categoriza em 71 classes. As construções locativas totalizam 1.074 e estão, até o momento, distribuídas em 12 classes.

A partir da análise pormenorizada desses dois trabalhos, apresentar-se-á uma análise contrastiva, respeitando seus objetivos científicos e suas bases teórico-metodológicas. Desse modo, espera-se obter uma descrição rigorosa dos verbos locativos nas duas variantes da língua portuguesa e responder às seguintes questões:

- Quais as suas principais propriedades das construções verbais locativas?
- Considerando o esquema de classificação das construções verbais locativas do *ViPEr*, como se distribuem os verbos do português do Brasil por estas classes?
- Que diferenças se verificam na distribuição dos verbos locativos do português europeu e do português do Brasil? Essas diferenças ocorrem principalmente a nível lexical, sintático ou semântico?

Embora a elaboração das aplicações estejam fora do âmbito deste trabalho, os dados aqui descritos poderão ser utilizados no desenvolvimento de estudos pedagógicos, como no ensino de português como língua estrangeira, sendo um recurso interessante para a elaboração de exercícios, que podem ser automatizados. Além disso, os dados podem contribuir para uma aplicação direta no processamento de linguagem natural (PLN) como recurso, por exemplo, de desambiguação de sentido, já que apresenta a descrição de várias construções verbais locativas que, em muitos casos, são diferentes entre si, mas se constroem com o mesmo verbo de base, como se verifica nos exemplos (10) e (10a), com o verbo *subir*:

(10) *O Pedro **subiu** as escadas* (38L1)

(10a) *O Pedro **subiu** o sofá para a sala* (38LD)

O presente trabalho está organizado da seguinte maneira:

No Capítulo 2, far-se-á uma revisão da literatura, na qual apresentaremos as generalidades relativas às construções locativas, dentre as quais está a definição de *verbo locativo* a partir de propriedades formais sintáticas e semânticas, os diferentes tipos de construções locativas, a interpretação locativa de nomes, a omissão dos complementos locativos e outras formas de expressar *localização*. Além disso, na Seção 2.6., apresentaremos uma breve revisão do trabalho de Macedo (1987), que apresenta uma análise do fenômeno das construções verbais locativas no português europeu.

No Capítulo 3, *Análise contrastiva Catálogo e ViPEr*, descreveremos a base teórico-metodológica e a classificação das construções verbais locativas apresentadas em ambos os trabalhos. Na Seção 3.1., a ênfase recairá sobre o *Catálogo*, em 3.2, sobre o *ViPEr* e em 3.3. apresentaremos, na análise contrastiva, os pontos comuns e divergentes entre esses dois trabalhos. Por fim, no Capítulo 4, apresentaremos as conclusões do presente estudo e os trabalhos futuros que pretendemos desenvolver.

Ressalta-se que o objetivo desta pesquisa, além de descrever de forma pormenorizada um aspecto do funcionamento sintático e semântico da língua – as construções verbais locativas –, é apresentar tal fenômeno a partir de uma perspectiva comparativa entre duas variantes da língua portuguesa (a brasileira e a europeia), contribuindo assim para uma melhor delimitação das fronteiras e das zonas de intersecção entre essas duas variantes e para a construção de recursos linguísticos que possam ser utilizados em diferentes aplicações de processamento de língua natural (PLN).

Capítulo 2

OBJETO DE ESTUDO: CONSTRUÇÕES LOCATIVAS

No presente Capítulo, pretendemos descrever o comportamento das construções locativas. Inicialmente, trataremos dos advérbios com valor semântico de *localização* e, em seguida, especificaremos as diversas construções locativas verbais em língua portuguesa.

Nas gramáticas de língua portuguesa de Cunha & Cintra (1984) e de Bechara (2001), as construções locativas são mencionadas apenas quando os autores se referem aos *advérbios* e às *locuções adverbiais*². As gramáticas, de maneira geral, enfatizam a heterogeneidade e a complexidade da classe gramatical dos advérbios, constituída, geralmente, por palavras invariáveis que atuam sob outros constituintes da frase (verbos, adjetivos, quantificadores, sintagmas preposicionais, advérbios e frases), modificando-os de algum modo e exprimindo um grande leque de valores semânticos. Apesar de a ideia de ser uma classe fechada, veiculada implicitamente pelas gramáticas ao apresentar listas de advérbios, trata-se de uma classe bastante extensa, sobretudo se considerarmos os casos de formas derivadas terminadas em *-mente*. Baptista *et al.* (2012), a propósito dos problemas de análise do fenômeno de coordenação, apresentam uma lista de mais de 7.200 entradas desses advérbios. Apesar do número extenso de advérbios terminados em *-ment*, Molinier & Levrier (2000, p. 158) afirmam que, para o francês, há apenas 6 advérbios com esta terminação que podem designar uma *localização espacial*, a que correspondem em português aos seguintes advérbios: *externamente, interiormente, inferiormente, lateralmente, superficialmente, superiormente*³.

Como já dissemos, os advérbios podem modificar não só predicados verbais ou adjetivais, mas também frases completas (Cunha & Cintra, 1984, p. 538). Para distinguir esses dois tipos de advérbios, Costa (2008, p.41) propõe um teste com a construção de uma *frase clivada*, também conhecida como extração *ser...que*. Quando é possível tal construção, usando a terminologia de Costa (2008), trata-se de um *advérbio modificador de predicado*,

² Para todos os efeitos, não distinguiremos os *advérbios simples*, formados por apenas uma palavra (*cá, assim, lentamente*) das *locuções adverbiais* ou *advérbios compostos*, constituídos por mais de uma palavra (*por acaso, deste modo*).

³ Os advérbios serão melhor abordados na subseção 2.5.2.

como em (11); quando não é possível, estamos diante de um *advérbio modificador de frase*, como em (12). Os exemplos foram retirados de Costa (2008, p. 42):

(11) *O Pedro comprou três livros ali.*

(11a) *Foi ali que o Pedro comprou três livros.*

(12) *Infelizmente, tenho de me ir embora.*

(12a) **É infelizmente que tenho de me ir embora.*

Outro teste apresentado por Costa (2008, p. 43) para a distinção entre os dois tipos de advérbios consiste em observar o *alcance da negação* sobre eles: se a negação tem alcance sobre o advérbio, temos um *advérbio modificador de predicado*, como em (13), caso contrário, temos um *advérbio modificador de frase*, como em (14):

(13) O João não corre **depressa** <mas sim **devagar**>.

(14) *O João não corre, **infelizmente**.*

Em (13), trata-se de um *modificador de predicado* porque a negação afeta o advérbio (*depressa*). Por essa razão, é possível continuar a frase com a construção da oração coordenada adversativa com o mesmo verbo, mas modificado por um advérbio de significado oposto (*mas sim devagar*)⁴. Já em (14), o advérbio funciona como um *modificador de frase*, pois a negação não afeta o advérbio *infelizmente*. Pelo contrário, o advérbio opera sobre toda a frase, exprimindo a opinião do falante sobre o estado de coisas expresso pelo verbo negado. Assim, já não é possível acrescentar a coordenada adversativa com o advérbio de polaridade oposta:

(14a) **O João não corre, **infelizmente**, mas sim, **felizmente**.*

⁴ O autor não sugere a construção da oração coordenada adversativa que aqui ilustramos, mas nos parece pertinente para demonstrar a interpretação das frases.

Os *advérbios de lugar* (*aqui, cá, aí ali, lá*)⁵ atuam como modificadores de predicado e, utilizando a nomenclatura apresentada por Neves (2000, p. 257), são denominados *advérbios pronominais* (ou *advérbios fóricos*), já que têm como referência o “aqui” e o “agora” da situação comunicativa e a localização relativa do locutor, do seu interlocutor e do objeto de que se fala. Desse modo, *aqui* e *cá* indicam um lugar próximo à localização do objeto e do locutor (15); *aí*, um lugar próximo ao interlocutor (16); e *ali* e *lá*, um lugar distante tanto do locutor quanto do interlocutor (17):

(15) Eu digo: *O Pedro vive em São Paulo.*

(15a) Eu estou **em São Paulo.**

(15b) Eu digo: *O Pedro vive (aqui+cá).*

(16) Eu digo: *O Pedro veio de São Paulo.*

(16a) Eu não estou em São Paulo, mas o interlocutor está.

(16b) Eu digo: *O Pedro veio daí.*

(17) Eu digo: *O Pedro passou por São Paulo.*

(17a) Nem eu, nem o interlocutor estamos em São Paulo.

(17b) Eu digo: *O Pedro passou (por lá+por ali).*

Os *advérbios pronominais de lugar* podem ser utilizados para a identificação de complementos que denotam *localização*⁶. Nas frases de (18) a (20), temos casos de complementos cujo valor locativo pode ser comprovado a partir da possibilidade da substituição desses complementos por um advérbio pronominal de lugar:

(18) *O Pedro mora no Rio / (aqui+ali).*

(19) *O Pedro veio do Rio / (daí+de lá).*

⁵ Esta lista inclui ainda o advérbio *acolá*, mas por ser muito raro o ignoramos neste trabalho. No corpus do NILC/São Carlos, o advérbio *acolá* tem apenas 24 ocorrências, enquanto que os demais advérbios estão na casa dos milhares: *cá* (1090), *ali* (2743), *aí* (4728), *lá* (7825), *aqui* (8423). É importante salientar que essas ocorrências não distinguem o uso locativo do uso não-locativo desses advérbios. A subseção 2.5.2 deste trabalho apresenta mais minuciosamente esses casos. Corpus do NILC/São Carlos, disponível na Linguateca: <<http://www.linguateca.pt/acesso/corpus.php?corpus=SAOCARLOS>>, acesso em setembro de 2015.

⁶ A estes acrescem os advérbios locativos indefinidos *algures* e *nenhures*, praticamente caídos em desuso e que podem desempenhar a mesma função.

(20) *O Pedro chegou à nossa casa / (aqui+cá).*

Além disso, afim de determinar o valor locativo do complemento é possível realizar um teste a partir da construção de uma frase interrogativa com o advérbio interrogativo *onde*, eventualmente acompanhado da preposição que introduz o complemento (*Prep*) *onde*. Na frase interrogativa, *onde* substitui todo o complemento locativo, incluindo a preposição *em*, em predicados *estativos*, como ilustrado em (21). Por sua vez, *Prep onde* substitui o complemento locativo, mas mantém expressa a preposição locativa que introduz o complemento, nos predicados de *movimento*. Conforme a preposição, é possível ainda determinar se o complemento designa um lugar de *origem* (22), de *trajetória* (23) ou de *destino* (24).

(21) *O Pedro vive em Recife.*

(21a) P: *Onde vive o Pedro?* / R: *Em Recife.*

(22) *O Pedro veio da Bahia.*

(22a) P: *De onde veio o Pedro?* / R: *Da Bahia.*

(23) *O Pedro passou pelo Rio de Janeiro.*

(23a) P: *Por onde passou o Pedro?* / R: *Pelo Rio de Janeiro.*

(24) *O Pedro vai para São Paulo / a São Paulo.*

(24a) P: *Para onde / Aonde vai o Pedro?* / R: *Para São Paulo / A São Paulo.*

Em português, parece haver alguma flutuação no uso de *onde* e *aonde*. Assim como afirmam Cunha & Cintra (1984, p. 366), embora a disciplina gramatical estabeleça, na língua culta, uma distinção entre *onde* (= lugar em que) e *aonde* (= lugar a que), esta distinção, praticamente anulada na linguagem coloquial, nunca foi rigorosa nem sequer nos clássicos. Segundo esta norma, o uso de *aonde* deveria ser utilizado nos casos em que o complemento de *destino* se combina com um verbo de movimento, como sucede em (25); contudo *onde* também parece ser natural nessa posição:

(25) *O Pedro vai a São Paulo.*

(25a) P: *Aonde / Onde vai o Pedro?* / R: *A/Para São Paulo* /^{PB/*PE}*Em São Paulo.*

Por sua vez, *aonde* não deveria ocorrer nos casos em que substitui um complemento locativo *estativo*, como visto em (25), embora também se observe nesse contexto, como em (26):

(26) *O Pedro mora em São Paulo.*

(26a) P: (^{PB/*PE}*Na Onde+Onde+Aonde*) *mora o Pedro?* / R: *Em São Paulo* / **A São Paulo.*

Observa-se, no exemplo (26a) que no português do Brasil há ainda casos de acréscimo da preposição *em* nas interrogativas em *onde*.

Apesar da regularidade da correspondência (*Prep*) *onde* e os complementos locativos, segundo Macedo (1987, p. 146), nem sempre é possível associar o advérbio interrogativo (*Prep*) *onde* a um complemento locativo. Há casos, como no exemplo (27), em que a pergunta pode ser elaborada, mas a resposta não indica um lugar:

(27) *O Pedro vai começar (E + o seu trabalho+a fazer o seu trabalho) pela descrição dos verbos locativos.*

(27a) P: *Por onde é que o Pedro vai começar (E+o seu trabalho+a fazer o seu trabalho)?*

(27b) R: *Pela descrição dos verbos locativos.*

Verifica-se que a frase acima tem uma dimensão *temporal* relacionada ao processo de elaboração do *trabalho*. Desse modo, o constituinte *pela descrição dos verbos locativos*, que é um complemento do verbo *começar*, é interpretado como ponto inicial desse processo. Este é metaforicamente categorizado como um *percurso*, passando de uma dimensão *temporal* a uma dimensão *espacial* e, por essa razão, admitindo a interrogativa com *onde*. Esses processos metafóricos são frequentes e fazem parte da dinâmica da língua. No entanto, não traduz uma situação como a que estamos estudando no presente trabalho, pois, como se vê, o complemento não designa um lugar a que possamos associar a relação de *localização*.

Desse modo, a partir do teste apresentado por Guillet & Leclère (1992, p. 15), é possível distinguir o complemento *locativo cênico* do *complemento locativo exigido pelo verbo*, o nosso objeto de estudo.

2.1 Precisão Terminológica

Além de Guillet & Leclère (1992), outros autores, a partir de abordagens teóricas diferentes, distinguem o *complemento locativo exigido pelo verbo* do complemento locativo que é um *complemento circunstancial*. No entanto, esses autores adotam, por vezes, terminologias diferentes, pelo que nas linhas que se seguem tentamos mapear essas designações nos conceitos que acabamos de apresentar.

Borba *et al.* (1990), para a elaboração do dicionário de verbos do português contemporâneo do Brasil, consideraram apenas os verbos que são núcleo do predicado e selecionam os argumentos essenciais que os acompanham, além de estabelecerem as relações de dependência que constituem a sua *valência*. Assim, a análise recai apenas sobre os argumentos que fazem parte da *valência do verbo*, como, por exemplo, em (31), retirado de Borba *et al.* (1990, p. IX):

(31) *Leo pôs o livro na estante.*

em que o verbo *pôr* implica, necessariamente, um *objeto* na posição de complemento direto (*livro*) e um complemento locativo de *destino* (*na estante*).

Por outra parte, os complementos dispensáveis, que se enquadram naquilo a que os autores chamam o *conteúdo da oração*, não são objeto de estudo, como acontece com o complemento *perto da ponte* no exemplo (32), retirado de Borba *et al.* (1990, p. IX):

(32) *Leo pescava perto da ponte.*

em que *perto da ponte*, segundo o autor, apenas especifica o *conteúdo objetivo oracional* (Borba *et al.*, 1990, p. IX).

Corrêa & Cançado (2006), em seu trabalho sobre os *verbos de trajetória* do PB, propõem uma distinção entre *locativo do evento* e *locativo do predicador*, distinção que pode ser relacionada à diferenciação apresentada por Borba *et al.* (1990) entre *complemento do conteúdo oracional* e *complemento obrigatório que faz parte da valência verbal*, assim como à definição de Guillet & Leclère (1992) de *complemento locativo cênico* e *complemento locativo do verbo*.

Para as autoras, “o *locativo do evento* seria o lugar em que a ação ocorre, pois qualquer ação ou acontecimento ocupa obrigatoriamente um espaço no mundo” (Corrêa & Cançado, 2006, p. 379). É o caso, por exemplo, do verbo *cantar*, que não seleciona obrigatoriamente nenhum argumento que indique um *lugar*. Desse modo, todas as sentenças de (33) a (33c) são aceitáveis em língua portuguesa, expressando, (33, 33a), ou não, (33b, 33c), o complemento locativo. Os exemplos foram retirados de Corrêa & Cançado (2006, p.379):

(33) *João cantou em Belo Horizonte.*

(33a) *João cantou num clube.*

(33b) *João cantou muito bem.*

(33c) *João cantou.*

Já no caso do *locativo do predicador*, Corrêa & Cançado (2006, p. 380) afirmam que “o argumento é acarretado pelo verbo, ou seja, faz parte do sentido lexical do verbo”, como ocorre com o verbo *sentar*, na frase (34), que seleciona um complemento direto (*o filho*) e um complemento preposicionado *locativo de destino* (*na cadeira*). O exemplo foi retirado das autoras (Corrêa & Cançado, 2006, p. 380):

(34) *Pedro sentou o filho na cadeira.*

Segundo as autoras, provar a diferença entre o *locativo do evento* e *do predicador* não é uma tarefa fácil. Um primeiro teste poderia ser o *apagamento do complemento*. Quando estamos diante de um *locativo do predicador* (35) tal apagamento causa problemas de interpretação, podendo tornar a frase até inaceitável, como em (35a):

(35) *O Pedro (mora+reside+vive) em São Paulo.*

(35a) *O Pedro (*mora+*reside+^ovive).*⁸

O segundo teste proposto pelas autoras consiste no *deslocamento dos argumentos*. Quando temos um *locativo do evento*, o argumento é mais livre na sentença, ou seja, “seu deslocamento não prejudica o entendimento da sentença” (Corrêa & Cançado, 2006, p. 381):

(36) *O João leu um livro na biblioteca.*

(36a) *Na biblioteca, o João leu um livro.*

Nos casos com o *locativo do predicador* esse deslocamento é menos natural, já que o argumento está, como afirmam as autoras, “mais preso ao verbo” (Corrêa & Cançado, 2006, p. 381):

(37) *O professor expulsou os alunos da sala.*

(37a) *? Da sala, o professor expulsou os alunos.*

Segundo Corrêa & Cançado (2006, p. 381), a sentença (37a) é bem menos natural que a (37) e a sua possível aceitabilidade decorreria de uma entonação específica, além de um contexto explícito para evitar ambiguidade (*os alunos da sala* x foram expulsos de sua própria sala ou foram expulsos da sala y?). Note-se, porém, que em uma das interpretações, o complemento locativo pode ocorrer entre o verbo e o objeto direto, como em (37b), que é bastante mais natural:

(37b) *O professor expulsou da sala os alunos.*

Em síntese, com base nessa breve revisão, é possível considerar que um *verbo locativo* é uma construção verbal em que necessariamente se estabelece uma relação *locativa* entre um *objeto* e um *lugar* ocupado por este *objeto*. Os complementos locativos podem ser essenciais para a construção do predicado verbal ou podem ocorrer como *locativos cênicos*, meros

⁸ A frase *O Pedro vive* é aceitável, mas com a interpretação de ‘*estar vivo*’, como por exemplo: “Cristo vive, aleluia!”.

adjuntos adverbiais, cuja inserção na frase de base se faz por meio de um *verbo-suporte de ocorrência*. Para a identificação de tais complementos, é possível substituir o complemento pelos advérbios pronominais (*aqui, cá, aí, lá, ali*) ou com a construção da interrogativa com o advérbio *onde* ou (*Prep*) *onde*.

2.2 Construção Locativa Transitiva Direta

Além das construções locativas em que o complemento de lugar é expresso por um complemento preposicionado, consideramos agora as construções com um complemento direto locativo, como em (38):

(38) *O Pedro abandonou a sala.*

Nesses casos, para verificar o valor locativo do complemento, não nos parece muito natural realizar o teste com a pergunta (*Prep*) *onde*, como se verifica em (38a):

(38a): P: **(Prep) onde o Pedro abandonou? / A sala.*

Portanto, para a determinação do estatuto locativo deste tipo de complemento direto, propomos a paráfrase pela *construção locativa estativa* com o verbo copulativo *estar* e a preposição *em*: *X estar em Y*, em que *X* é o *argumento de lugar*, e *Y* é o *lugar*. Com esta paráfrase, considera-se que se trata de um complemento direto locativo se, em pelo menos um momento (*antes, durante* ou *depois*) da ação expressa pelo verbo, *X está em Y*, como se observa no mesmo exemplo com o verbo *abandonar*:

(38b) *Antes da ação o Pedro está na sala.*

(38c) **Durante a ação o Pedro está na sala.*

(38d) **Depois da ação o Pedro está na sala.*

Nesse caso, *o Pedro* não estava na *sala* nem *depois* e nem *durante* a ação. Só estava ocupando esse lugar *antes de abandoná-lo*. O verbo *abandonar* é, portanto, um verbo locativo e o seu complemento direto (*a sala*), um complemento locativo de *origem*. Vê-se que, a partir

dessa paráfrase, é possível relacionar o complemento direto locativo à noção espacial de *origem* (38), assim como é possível relacionar os complementos dos seguintes verbos às noções de *trajetória* (39) e de *destino* (40):

- (39) *O Pedro cruzou o pátio.*
 (39a) °*Antes da ação o Pedro está no pátio.*
 (39b) *Durante a ação o Pedro está no pátio.*
 (39c) °*Depois da ação o Pedro está no pátio.*

- (40) *Os alunos invadiram a sala.*
 (40a) **Antes da ação os alunos estão na sala.*
 (40b) °*Durante a ação os alunos estão na sala.*
 (40c) *Depois da ação os alunos estão na sala.*

Numa interpretação da frase (39), é possível considerar que *Pedro* já está no *pátio* antes de *cruzá-lo*. Assim como compreender que *Pedro* permanece no *pátio* depois de *cruzá-lo*. No entanto, a interpretação que estamos tratando nesta frase é a constatação de que *Pedro* está necessariamente no *pátio* durante a ação de *cruzá-lo*, por isso consideramos a construção (39b) como a ideal para esta análise. Numa interpretação da construção (40), por sua vez, é possível considerar que à medida que os *alunos* vão entrando na sala, *invadindo-a*, parte deles já está na sala, enquanto os outros ainda não (40b). No entanto, a construção tida como ideal para esta análise é a (40c), pois compreendemos que (todos) os alunos estão na *sala* depois da ação de *invadi-la*.

Um pequeno conjunto de construções locativas com complemento direto pode apresentar o lugar na posição de sujeito, como se observa na frase (41):

- (41) *O chalé abrigou o casal.*

Neste caso, é mais delicado aplicar a paráfrase *estar em*, dado o caráter estativo da predicação e a posição relativa dos argumentos. Esta frase está, por sua vez, associada a uma construção pronominal reflexa, em que o sujeito locativo de (41) aparece mais claramente como complemento de *destino* em (41a):

(41a) *O casal abrigou-se no chalé.*

(41b) *O casal está no chalé.*

2.3 Interpretação locativa de nomes

A interpretação dos nomes como *lugar* depende da posição sintática que o nome ocupa em relação ao verbo (ou a outro elemento predicativo da frase). O nome comum *ônibus*, por exemplo, ocupa a posição de sujeito em (42) e a posição de complemento locativo em (42a):

(42) *O ônibus chegou à parada.*

(42a) *O Pedro entrou no ônibus.*

Há também classes específicas de nomes próprios que são particularmente aptas a designar um *lugar*. Os chamados *topônimos* são dos nomes próprios aqueles que geralmente se enquadram melhor na posição sintática de complemento de lugar e que, segundo Ramos (2008), têm como função primeira referenciar e identificar um lugar. Alguns verbos como *viajar*, *emigrar*, *embarcar*, *imigrar*, etc., tendem a exigir um complemento locativo toponímico:

(43) *O Pedro viajou para a Espanha.*

No entanto, tal como os nomes comuns, os *topônimos* podem não ser interpretados apenas como *lugar*, dependendo da frase em que estão inseridos. É o caso dos nomes *Portugal* e *Espanha* na frase (44):

(44) *Portugal venceu a Espanha no jogo.*

Nesse caso, *Portugal* e *Espanha* referem-se aos nomes de equipes esportivas representantes dos respectivos países. A partir deste exemplo, torna-se evidente como o verbo é determinante para a interpretação locativa de alguns constituintes da oração. Ora, o conjunto de restrições distribucionais impostas pelo verbo ao preenchimento das respectivas posições

sintáticas é por vezes difícil de determinar com precisão. Alguns verbos, por exemplo, tendem a não admitir nomes topônimos na posição de complemento de lugar. É o que acontece com a construção com o verbo locativo *trancar* no exemplo (45):

(45) *O Pedro trancou o irmão no quarto.*

O verbo *trancar* seleciona um complemento locativo, não sendo natural o preenchimento lexical dessa posição argumental por um complemento locativo topônimo:

(45a) **O Pedro trancou o irmão (no Brasil+em São Paulo+na Serra da Mantiqueira).*

Qualquer *topônimo* admite ser substituído pelo nome comum que é seu hiperônimo, mas mesmo nesse caso, a substituição do nome *Brasil* por *país*, *São Paulo* por *cidade* e *Serra da Mantiqueira* por *montanha*, em (45b), ainda nos parece ser pouco aceitável:

(45b) **O Pedro trancou o irmão (nesse país+nessa cidade+nessa montanha).*

Como é natural, alguns nomes próprios que designam empresas, instituições ou organizações diversas podem ocupar a posição de complemento locativo por um processo de *metonímia*. É o caso, por exemplo, de *UFSCar* que pode, em (46), ser interpretado como o nome de uma instituição e, em (46a), como um *lugar*:

(46) *A UFSCar é uma universidade pública do Brasil.*

(46a) *O Pedro ainda não chegou da UFSCar.*

Finalmente, o *lugar* ou *locativo*, como proposto por Borba *et al.* (1990, p.XVIII), pode englobar tanto uma *localização física*, como em (47), como uma *localização não-física* (48):

(47) *O Pedro vai para a escola.*

(48) *O Pedro vai (para o inferno+para o céu+para o paraíso).*

Nesse último caso, o nome não designa uma entidade concreta porque não tem um referente extralinguístico.

2.4 Omissão dos complementos locativos

Segundo Cavalcante (1997), a facultatividade e omissão dos complementos verbais variam de acordo com a relação estabelecida entre o sujeito, o verbo e o objeto e são determinadas por fatores pragmático-discursivos, mas possibilitadas por fatores semântico-sintáticos, como a valência e a carga semântica do verbo, e a posição e o tipo de predicado. Sobre os complementos locativos, a autora afirma que sua função semântica é especificar a noção de espaço de que se revestem o estado, o processo ou a ação. Os locativos podem ser de dois tipos: (i) de natureza *estática*, não marcados pelo parâmetro *mudança de estado*, e exigidos como complementos obrigatórios por verbos como *permanecer*, *morar*, etc.; e (ii) de natureza *dinâmica*, relacionados aos verbos de *ação-processo* como *colocar*, *pôr*, *arremessar*, etc., ou com verbos de *ação*, que designam deslocamento. Cavalcante (1997) ressalta que, nos predicados de *ação-processo*, os locativos tendem a ser essenciais para a construção do predicado, como em (49). Assim, como também afirma Macedo (1987, p. 254), a sua omissão ocorre quando o lugar é correferente ao sujeito do enunciado, como se verifica em (50):

(49) *Eu coloquei o meu chapéu na mesa.*

(50) *Eu coloquei o meu chapéu (em mim).*

Verificam-se casos de omissão do complemento locativo nos verbos de deslocamento (*ir*, *sair*, *viajar*, etc.), que comportam um lugar de *origem* e um lugar de *destino*, como em (51) e (52). Nem sempre os dois locativos aparecem no enunciado. Dependendo da construção verbal, o complemento de *destino* sobrepõe-se ao complemento de *origem*, como em (51) com o verbo *ir*, daí a facultatividade deste último (51a) e a inaceitabilidade do apagamento do complemento de *destino*, como se verifica em (51b). Já em (52), com o verbo *sair*, parece-nos ser aceitável a omissão dos dois complementos: tanto do de *origem* quanto do de *destino*:

(51) *O Pedro foi do Rio de Janeiro para São Paulo.*

(51a) *O Pedro foi para São Paulo.*

(51b) **O Pedro foi do Rio de Janeiro.*

(52) *O Pedro saiu do Rio de Janeiro para São Paulo.*

(52a) *O Pedro saiu para São Paulo.*

(52b) *O Pedro saiu do Rio de Janeiro.*

A facultatividade e omissão dos complementos locativos ainda têm a ver, segundo a autora, com a complexidade de determinados verbos que pressupõem um ponto de *partida/origem* (*ir, sair, afastar-se, partir, etc.*), assim como um ponto de *chegada/destino* (*vir, entrar, aproximar-se, chegar, etc.*). Esses verbos sugerem uma tomada de posição por parte do falante. No caso dos verbos que selecionam um complemento locativo de *origem*, o falante toma como referência um lugar que não inclui o espaço em que está, ou seja, se desloca a um espaço diferente do ocupado pelo *eu*, como em (53). Por sua vez, nos verbos que selecionam um complemento locativo de *destino*, o falante exerce um deslocamento em direção ao espaço ocupado por ele mesmo, como se observa em (54). Os exemplos foram retirados de Cavalcante (1997, p. 21).

(53) *A princesa foi para a França.*

(54) *Clinton veio ao Brasil.*

Segundo Macedo (p. 1987, p. 260), em alguns casos é possível afirmar que o complemento locativo de *origem* ocupa a posição de sujeito, como se vê no exemplo (55):

(55) *O Zé cuspiu o caroço (para o prato).*

Nesse caso, o verbo *cuspir* – assim como outros verbos de secreções do corpo, como *vomit* e *babar* – seleciona um complemento direto (*caroço*) e um complemento preposicionado de *destino* (*para o prato*). O lugar de *origem*, segundo a autora, é o próprio sujeito (*O Zé*).

A partir das considerações apresentadas, pode-se dizer que em alguns casos os complementos locativos podem ser omitidos, a saber: (i) quando o complemento locativo corresponde ao espaço do sujeito da enunciação ou do enunciado e (ii) quando, nos verbos de deslocamento, o lugar de *destino* se sobrepõe ao lugar de *origem* ou vice-versa. Acrescenta-se à isso, a complexidade de determinados verbos que pressupõem um ponto de *partida/origem* e um ponto de *chegada/destino*.

2.5 Outras formas de expressar localização

Além dos verbos como núcleo das construções locativas, há outros elementos que desempenham uma relação de *localização* na frase, tais como as *preposições* e alguns *advérbios* terminados em *-mente* e os *advérbios* que aqui, utilizando a nomenclatura proposta por Neves (2000, p. 261), denominamos *pronominais* (*aqui, cá, aí, lá, ali*).

2.5.1 Preposições

As preposições são palavras invariáveis que relacionam dois elementos de uma frase e podem ser simples, quando expressas por um só vocábulo (*em, entre, para, sobre, trás*, etc.) ou compostas, também denominadas *locuções prepositivas*, quando constituídas de dois ou mais vocábulos. Segundo Azeredo (2008, p. 197), as *locuções prepositivas* podem ser de dois tipos: formadas por uma *preposição*, um *substantivo* (ou *advérbio*) e outra *preposição* (*em cima de, em direção à*, etc.) ou constituídas por um *advérbio* e uma *preposição* (*diante de, dentro de*, etc.).

As preposições contribuem para o significado global da frase, por isso elas também são importantes para designar o tipo de complemento locativo que introduzem. Os complementos locativos de predicados estáticos, como em (56), são geralmente introduzidos pela preposição *em*. No caso dos predicados dinâmicos, os quais podem ser de *origem* (57), *trajetória* (58) ou *destino* (59), as preposições mais recorrentes são *de, por* e *para*, respectivamente.

(56) O Pedro mora **em** São Carlos.

(57) O Pedro veio **de** São Paulo.

- (58) *O Pedro viajou de São Paulo para Salvador **por** Minas Gerais.*
 (59) *O Pedro vai **para** Salvador.*

Como afirmam Cunha & Cintra (1984, p. 574), “a maior ou menor intensidade significativa da preposição depende do tipo de relação sintática por ela estabelecida”. Desse modo, os valores associados a essas preposições podem variar dependendo da frase na qual se apresentam. É o que se verifica no exemplo (60) com a preposição *de*:

- (60) *O Pedro aproximou-se **da** Ana.*

Como vimos anteriormente, a preposição *de* geralmente introduz um complemento locativo de *origem*, como no exemplo (57). No entanto, como se verifica em (60), a mesma preposição pode introduzir um complemento de *destino*, quando construída com um verbo como *aproximar-se*.

Uma parte do léxico da gramática do português desenvolvida para o analisador Xerox Incremental Parser (XIP), que permite expressar um leque importante de regras (Hagège *et al.*, 2008), apresenta uma lista das *locuções prepositivas* mais recorrentes que introduzem complementos locativos específicos. As locuções prepositivas podem introduzir: (i) os *predicados estáticos* (*ao lado de, atrás de, debaixo de, dentro de, etc.*) e; (ii) os *predicados dinâmicos*, que podem ser de *origem* (*de dentro de, de fora de, detrás de, etc.*), de *trajetória* (*à caminho de, ao longo de, através de, etc.*) ou de *destino* (*até a, em direção à, rumo a, etc.*). No Anexo A, encontra-se a lista completa.

Por sua vez, Neves (2000, p. 262) apresenta uma lista com 10 interpretações distintas das construções com um *advérbio de lugar* e a *preposição de*, a qual a autora denomina *advérbios de lugar não-fóricos*, termo que será melhor descrito na subseção 2.5.2. O Quadro 1 apresenta a nomenclatura e um exemplo de cada uma dessas aqui consideradas *locuções prepositivas*. Os exemplos foram retirados de Neves (2000, pp. 262-263):

Quadro 1. Interpretações das locuções prepositivas com valor locativo (Neves, 2000)

Valores Locativos	Exemplo
Interioridade ou Inclusão	<i>Rasga a carta em pedacinhos e põe tudo dentro do cinzeiro.</i>
Exterioridade ou Exclusão	<i>Este trabalho pode ser feito fora da sala.</i>
Adjacência	<i>Acabei seguindo Carlos e indo para junto do leito de Eliodora.</i>
Sobreposição	<i>Deixou a pasta em cima da mesa.</i>
Sotoposição	<i>A munição vai toda por debaixo das panelas de barro.</i>
Anteposição	<i>Severino do Aracaju não mata ninguém defrente da igreja.</i>
Posposição	<i>Escondeu-se ele atrás de uma moita de cabreira.</i>
Proximidade	<i>Saiu uma fâsca azulada perto dos fusíveis e o Teatro mergulhou em trevas.</i>
Longiquidade	<i>Eu também queria viver longe de tudo isto.</i>
Ultraposição	<i>Aperto o botão do elevador. E é nele que chego ao quinto pavimento. Depois do elevador, a terceira porta está entreaberta.</i>

Fonte: Neves (2000, pp. 262-263), adaptado pela autora

Ainda sobre as preposições compostas, observamos o caso dos pontos cardeais (*a PontoCardeal de*). No exemplo (61) temos a construção preposicional com o ponto cardinal *a noroeste de*, que pode ser analisada como uma redução da construção (61a):

(61) *A cidade de São Carlos se situa/fica **a noroeste de** São Paulo.*

(61a) *A cidade de São Carlos se situa/fica **num lugar que está a noroeste de** São Paulo.*

Um processo de redução semelhante também se observa nas expressões de lugar construídas com nomes que designam *unidades de comprimento* (*centímetros, metros, quilômetros*), como se verifica em (62). Trata-se de um quantificador do nome predicativo de grandeza mensurável (*distância*) que também sofre uma redução, (62a) e (62b):

(62) *A cidade de São Carlos se situa/fica **a 230 km de** São Paulo.*

(62a) *A cidade de São Carlos se situa/fica **num lugar que está a 230 km de** São Paulo.*

(62b) *A cidade de São Carlos se situa/fica **num lugar que fica a 230 km de distância de** São Paulo.*

Verifica-se, portanto, que as *preposições* e *locuções prepositivas* contribuem para a interpretação locativa das frases de base das quais fazem parte.

2.5.2 Advérbios

Os advérbios e as locuções adverbiais (*dentro, fora, etc.*) designam *localização*, assim como os advérbios terminados em *-mente* (*externamente, interiormente, inferiormente, lateralmente, superficialmente, superiormente*) já mencionados neste Capítulo, com o trabalho de Molinier & Levrier (2000, p.158) sobre o francês. A esta lista, podemos acrescentar ainda os casos em língua portuguesa: *diagonalmente, diametralmente, longitudinalmente e profundamente*, e os advérbios que derivam de nomes relacionados a *lugar*, tais como *mundialmente (no mundo), regionalmente (na região), localmente (no local), universalmente (no universo)*⁹. Estes advérbios são utilizados, por exemplo, quando se quer denotar a extensão da fama de um determinado objeto ou pessoa, como em (63) e (63a):

(63) *(Este livro+O Papa) é conhecido (regionalmente+mundialmente).*

(63a) *(Este livro+O Papa) é conhecido (na região+no mundo).*

Neves (2000) apresenta uma classificação dos *advérbios de lugar* de acordo com as suas propriedades sintático-semânticas e a sua distribuição. Inicialmente, a autora apresenta a distinção entre os *advérbios de lugar fóricos*, que se referem a outros elementos dentro ou fora do enunciado, como na frase (64), e os *advérbios de lugar não-fóricos*, que não se referem a outros elementos do enunciado, como em (65). Os exemplos foram retirados da autora (Neves, 2000, p. 257):

(64) *Quando chega **aqui** gente fina da capital, procura logo seu Pantaleão.*

(65) *Por **fora** ele pode se lavar, mas por **dentro** é encardido.*

Os advérbios de lugar *fóricos* podem recuperar as circunstâncias na situação ou no texto. Segundo Neves (2000, p. 261), esses advérbios têm natureza pronominal, ou seja, são *proformas nominais*, também conhecidos como *advérbios pronominais* (ou *pronomes adverbiais*) e atuam como argumentos, preenchendo uma casa da valência verbal e atuando, portanto, como complementos. São os advérbios já apresentados neste Capítulo: *aqui, cá, aí,*

⁹ O uso de *universalmente* para denotar a fama de um determinado objeto ou pessoa nos parece ser hiperbólico, ao contrário de *mundialmente, regionalmente* e *localmente*, que são dimensões relativamente mensuráveis.

ali e *lá*. Os *advérbios de lugar não-fóricos* efetuam simplesmente a expressão da circunstância de lugar, como em (65).

Segundo Neves (2000, p. 263), quando os advérbios de lugar respondem a pergunta *por onde* se referem a um *percurso* (ou uma *trajetória*, como nomeamos neste trabalho). A autora afirma que em língua portuguesa não há um advérbio com estas características, portanto, esta função é desempenhada por um nome com interpretação de lugar precedido de preposição, como no exemplo (66). O mesmo ocorre para os casos de advérbios de *origem* (67) e *direção* (68) – também denominado *destino*, na presente pesquisa – que respondem, respectivamente, às perguntas *de onde* e *para onde*:

(66) *O Pedro passou **pela praça**.*

(66a) P: ***Por onde** passou o Pedro?* / R: ***Pela praça**.*

(67) *O Pedro saiu **de São Paulo**.*

(67a) P: ***De onde** saiu o Pedro?* / R: ***De São Paulo**.*

(68) *O Pedro viajou **para Curitiba**.*

(68a) P: ***Para onde** viajou o Pedro?* / R: ***Para Curitiba**.*

Cabe ressaltar que os *advérbios pronominais* (*aqui, cá, aí, ali, lá*) são formas recorrentes em língua portuguesa e além de designarem *localização* também podem aparecer em outros contextos com valores diversos. Segundo Braga (2003), o advérbio *aí*, por exemplo, possui usos variados, inclusive na construção de expressões cristalizadas e se relaciona, em alguns casos, ao advérbio *então*, quando estabelece uma relação sobretudo temporal entre os elementos da frase. O exemplo (69), adaptado de Braga (2003, p.171), nos mostra a sinonímia entre esses dois advérbios, utilizados na recuperação explícita de proposições:

(69) *Uns seis meses depois que a gente chegou, ele resolveu ir lá pedir uma vaguinha para deixar jogar. Desde **aí** ele não largou mais.*

(69a) *Uns seis meses depois que a gente chegou, ele resolveu ir lá pedir uma vaguinha para deixar jogar. Desde **então** ele não largou mais.*

A fim de ilustrar os valores relacionados a esses advérbios pronominais, buscamos suas ocorrências no Corpus do NILC. Organizamos os casos mais recorrentes no Quadro 2.

Quadro 2. Valores relacionados aos advérbios pronominais

Valores dos advérbios pronominais	Exemplos
Expressões com valor temporal	<i>(De 1980 para cá+De uns tempos para cá), a vida nas cidade sofreu mudanças bruscas. O curso começou (lá+ali) pela segunda semana de abril (=aproximadamente) Já lá se iam três anos.</i>
Expressões Interjetivas	<i>Não se preocupe com isso. Deixa para lá! Eu sei lá do que você está falando! Toma lá dá cá! O Pedro tomou um chega para lá da namorada. Não tô nem aí! Vira essa boca para lá!</i>
Expressões com valor de localização	<i>Nervoso, o Pedro atravessava a sala para lá e para cá. O Pedro foi lá pras bandas do Caminho Grande Muitos brasileiros dão certo lá fora. (=no exterior)</i>

Fonte: Elaborado pela autora

Verifica-se, no Quadro 2, que os advérbios pronominais (*aqui, cá, aí, ali, lá*) também constituem expressões fixas (*de uns tempos para cá, deixa para lá, etc.*), mantendo, em alguns casos, o seu valor de localização (*de lá para cá, lá fora, etc.*).

Portanto, é possível afirmar que as construções locativas também são identificadas a partir de outros elementos que constituem a frase além do verbo. Desses elementos, citamos acima as *preposições* e *locuções prepositivas*, alguns *advérbios* terminados em *-mente* e os denominados *advérbios fóricos* (*pronominais*) e *não-fóricos*.

2.6 Contribuições do trabalho de Macedo (1987)

Nesta subseção, apresentaremos de maneira sucinta o trabalho de Macedo (1987), que descreve e classifica as construções verbais locativas do PE sob o arcabouço teórico-metodológico do Léxico-Gramática.

Com base no Léxico-Gramática, Macedo (1987) descreveu as construções verbais locativas do PE e propôs uma classificação formal dessas construções. A autora analisou em cada um dos lexemas verbais as *propriedades estruturais*, como o tipo e o número de

argumentos; as *restrições distribucionais*, que delimitam o preenchimento lexical das posições argumentais, tais como o caráter *humano* ou *não-humano* de determinado argumento ou o preenchimento de um *nome plural* na posição de sujeito ou complemento; e as *propriedades transformacionais*, como a *apassivação* e as *construções causativas* através do processo de *Fusão*¹⁰ com o operador *pôr* e *retirar*. Macedo classificou cerca de 1.100 construções verbais locativas em três classes: A, B e C.

A Classe A contem os lexemas verbais que correspondem à estrutura da frase elementar: $N_0 V N_{lg} Prep N_a$, em que N_0 é o argumento que ocupa a posição de sujeito, V é o verbo locativo, N_{lg} é o lugar, $Prep$ é a preposição e N_a é o argumento do lugar, ou seja, é o objeto que ocupa o lugar. As frases com *encher* e *despojar* exemplificam os verbos descritos nesta classe. Os exemplos foram retirados de Macedo (1987, p.237):

(70) *O Zé encheu a mala de camisas.*

(70a) *O Zé pôs camisas na mala.*

(71) *O Zé despojou a árvore de frutos*

(71a) *O Zé retirou os frutos da árvore.*

Verifica-se, na frase (70), que *Zé* é o argumento na posição de sujeito (N_0), *a mala* é o lugar (N_{lg}) e *camisas* é o objeto que ocupa esse lugar (N_a). Na frase (71), *Zé* é o argumento na posição de sujeito (N_0), *a árvore* é o lugar (N_{lg}) e *frutos* é o objeto que ocupa esse lugar (N_a). Note-se que a principal diferença entre as duas frases, segundo Macedo (1987, p.237), é observada nas paráfrases (70a) e (71a), que ocorrem com base em verbos diferentes: a primeira ocorre com o verbo *pôr* e a segunda, com o verbo *retirar*. Baptista (2013), que propõe uma classificação em 12 classes distintas de verbos locativos, trata os casos acima descritos como pertencentes a classes diferentes (38L1 e 38LS, respectivamente), já Macedo (1987) os manteve no mesmo grupo, apresentando, na matriz binária, a propriedade *pôr* e a propriedade *retirar* para distinguir esses dois grupos verbais. Ainda nesta classe, a autora seleciona os verbos que são construídos sobre um nome cognato de objeto (*arrolhar, cercar, marcar, salgar, etc.*).

¹⁰ A operação de *Fusão* será retomada e definida no Capítulo 3, na Seção 3.2.2., sobre o *ViPER*.

A Classe B é a mais numerosa e possui várias subclasses semânticas. A estrutura fundamental das frases elementares agrupadas nesta classe é: $N_0 V N_a Prep N_{lg}$. Macedo (1987, p. 237) pontuou diversos aspectos semânticos que são recorrentes nos verbos que constituem esta classe. Dentre os quais, podemos citar a interpretação de complemento locativo de *destino*, como na frase (72), de complemento locativo de *origem*, na frase (73) e de ambos os complementos numa mesma frase elementar, como no exemplo (74):

- (72) *O Zé guardou o dinheiro na gaveta.*
 (73) *O Zé recebeu uma encomenda de Paris.*
 (74) *O Zé carregou a mala da sala para o quarto.*

Ressalta-se que os complementos locativos de *origem* são muito recorrentes quando selecionados por verbos com prefixo *des-*, tais como: *desamarrar*, *descolar*, *desembarcar*, entre outros.

Mesmo não sendo obrigatórios para a constituição da frase elementar, Macedo (1987, p. 257) considerou para a sua análise os complementos locativos *cênicos*, ou seja, os complementos que não são essenciais para a constituição do predicado verbal, mas que podem aparecer. São os casos dos verbos *perder* e *encontrar*, como se observa na frase (75):

- (75) *O Zé (perdeu + encontrou) o guarda-chuva no metrô.*

Ainda na Classe B são descritos os verbos construídos com base no nome cognato de lugar, como *engarrafar* (*na garrafa*) e *envasilhar* (*na vasilha*). Esta classe abrange também os verbos que selecionam um complemento preferencialmente humano, como *prender* e *enclausurar*.

Na Classe C estão agrupados os verbos que possuem a seguinte estrutura: $N_a V N_1 Prep N_{Lg}$. Neste caso, como se verifica pela estrutura, o sujeito atua como *argumento do lugar*, ou seja, é o próprio sujeito que *está em algum lugar*, como se observa no exemplo (76):

- (76) *O Zé contornou a estátua no jardim.*

Segundo Macedo (1987, p. 269), “a maior parte dos verbos [da Classe C] tem complementos locativos com interpretação *cênica*, sendo introduzidos pela preposição *em*”. A autora ressalta que são encontrados outros tipos de construções locativas e outros tipos de preposições, sobretudo *a*, *de* e *para*, que introduzem principalmente o complemento locativo de *destino*.

- (77) *O Zé acompanhou a Ana ao teatro.*
 (78) *O Capitão abeirou o barco do cais.*
 (79) *O Zé conduziu as visitas para a saída.*

Os verbos *nadar* e *correr*, geralmente considerados intransitivos, aparecem neste grupo, pois, segundo a autora, seu uso transitivo parece ser natural em frases como (80) e (81):

- (80) *O Zé nadou um braço de mar na Escócia.*
 (81) *O Zé correu os cafés de Lisboa.*¹¹

Macedo (1987, p.265) reconhece que, sobretudo na vasta Classe B, não descreve com precisão todas as propriedades sintáticas e semânticas dos verbos nas matrizes binárias. Por isso, a própria autora comenta sobre a necessidade de um estudo futuro que dê conta de apresentar todas essas informações que são fundamentais para a real constituição do léxico-gramática de uma língua.

A classificação sintático-semântica das construções verbais locativas proposta por Baptista (2013), que também analisa as construções verbais do português europeu e tem como base teórico-metodológica o Léxico-Gramática, é mais sistemática e exaustiva. Enquanto Macedo (1987) propõe uma classificação em três classes com base na análise de aproximadamente 13 propriedades sintático-semânticas, distribucionais e transformacionais (nas Classes A e B são analisadas 13 propriedades e na Classe C, 11), o trabalho de Baptista (2013) apresenta a classificação em 12 classes distintas e a análise de aproximadamente 110

¹¹ Esta expressão é especial, se assemelha à construção com o verbo *percorrer* e não corresponde, portanto, à construção *O Pedro correu pela sala*.

propriedades. A Tabela 1 apresenta uma breve comparação entre as classificações das construções locativas propostas por Macedo (1987) e por Baptista (2013).

Tabela 1. Comparação entre as classes propostas por Macedo (1987) e Baptista (2013)

Macedo (1987)			Baptista (2013) ¹²
Classe	Estrutura	Alguns verbos	Classes Equivalentes
A	$N_0 V N_{lg} Prep N_a$	<i>encher, despojar, destelhar, salgar.</i>	38L1; 38LS; 38L5; 38L4.
B	$N_0 V N_a Prep N_{lg}$	<i>guardar, receber, carregar, desembarcar, descolar, desamarrar, engarrafar.</i>	38LD; 38LT; 35LD; 37LD; 38LS; 38L2.
C	$N_a V N_1 Prep N_{lg}$	<i>contornar, abeirar, descer</i>	38L1; 38LD; 37LD.

Fonte: Elaborado pela autora

De acordo com a Tabela 1, verifica-se que não existe uma correspondência direta entre as classes propostas por Macedo (1987) e a classificação de Baptista (2013). Observa-se, por exemplo, que tanto na Classe A, quanto na Classe C, aparecem verbos que são pertencentes à classe 38L1 (*encher, contornar*). Tanto na Classe B, quanto na Classe C, encontramos verbos da classe 38LD (*guardar, abeirar*). Portanto, fica evidente que estes autores partem de critérios e da análise de propriedades diferentes para classificar estas construções. As três classes das construções verbais locativas propostas por Macedo (1987) – A, B e C – estão pulverizadas pelas 12 classes no trabalho de Baptista (2013), já que este apresenta uma classificação mais minuciosa dessas construções.

Mais recentemente, além do trabalho de Baptista (2013), que considera a variante europeia da língua portuguesa, Cançado *et al.* (2013b) propuseram uma classificação para as construções verbais locativas do português brasileiro. Por se tratarem de estudos mais recentes e que analisam um número relativamente grande de construções verbais locativas, apresentaremos, no Capítulo 3, a descrição mais detalhada desses dois trabalhos e suas contribuições para a descrição do fenômeno das construções locativas em língua portuguesa. Em seguida, ainda no mesmo Capítulo, apresentaremos uma análise contrastiva desses dois estudos, a fim de mostrar seus pontos comuns e divergentes.

¹² A classificação proposta por Baptista (2013) será melhor descrita na subseção 3.2.2.

Capítulo 3

ANÁLISE CONTRASTIVA *CATÁLOGO* E *VIPER*

O presente Capítulo apresenta, inicialmente, a base teórica e a proposta de classificação sintática e semântica dos verbos de mudança do português brasileiro, *Catálogo*, realizado por Cançado *et al.* (2013b). Em seguida, na seção 3.2., descreve a base teórica e a classificação do banco de dados dos verbos do português europeu, *ViPER*, em desenvolvimento por Baptista (2013).

3.1 O *Catálogo*

O trabalho de Cançado *et al.* (2013b) consiste na classificação de 862 *verbos de mudança* do português brasileiro (PB) e apresenta aproximadamente 5.500 sentenças criadas para exemplificar as propriedades sintático-semânticas relacionadas a esses verbos. As autoras afirmam que propuseram a classificação dos *verbos de mudança* devido à grande quantidade de trabalhos já realizados, em português e em outras línguas, sobre esse tipo de verbo. Para a realização de tal trabalho, as autoras selecionaram os *verbos de mudança* do PB no dicionário gramatical de verbos do português contemporâneo brasileiro, elaborado por Borba *et al.* (1990). Após a extração manual dos verbos no dicionário, foram construídas frases simples para exemplificar cada uma das entradas e sua classificação sintático-semântica. Para a construção das frases, as autoras recorreram à introspecção, embora, em alguns casos, tenham utilizado exemplos de outros autores e recorrido à internet especialmente para verificar a *aceitabilidade* das sentenças construídas.

Cançado *et al.* (2013b) utilizaram uma metalinguagem inspirada na decomposição de predicados, na qual se representa o significado de uma construção em termos de componentes elementares recorrentes, identificáveis e dissociáveis, permitindo organizar esses predicados em grupos de verbos semanticamente homogêneos. Na subseção 3.1.1. apresentaremos as propriedades gerais da teoria da decomposição de predicados e, na subseção 3.1.2., descreveremos a classificação proposta por Cançado *et al.* (2013b).

3.1.1 Decomposição de Predicados

A Semântica Lexical é uma ampla área de investigação, que trata do significado cognitivo que envolve a relação entre a língua e as representações mentais, preocupando-se, portanto, com o aparato linguístico do falante. Por ser uma área bastante ampla, pode-se falar em diferentes semânticas lexicais. Nesse ponto, os estudos de Cançado & Amaral (2010); Cançado & Godoy (2012); Cançado (2013); Cançado *et al.* (2013a; 2013b) se enquadram na chamada *Interface Sintaxe-Semântica Lexical*, pois exploram a ideia de que o significado dos verbos pode ser decomposto em elementos básicos de sentido (*predicados* ou *metapredicados*), assumindo, assim, que a semântica de um verbo não é unitária, mas composta por subpartes e componentes, os primitivos semânticos (Cançado, 2013, p. 127).

Foram os membros da extinta semântica gerativa (Lakoff, McCawley, entre outros), os primeiros a proporem reescrever os componentes em uma metalinguagem inspirada na lógica formal, de predicados e argumentos. Por ter sido mais tarde muito criticada na literatura, houve uma pausa nos trabalhos embasados nesta teoria. No entanto, como afirma Cançado (2013, p. 129), muitos semanticistas, tais como Jackendoff, Levin, Rappaport-Hovav, Van Valin, Dowty, Parsons, entre outros, continuam a estudar a relação entre a estrutura argumental dos verbos e a estruturação e propriedades sintáticas das sentenças.

Segundo Levin & Rappaport-Hovav (2005, p.69): “a decomposição de predicados é a representação do significado formulada em termos de predicados primitivos escolhidos para representar os componentes do significado que são recorrentes entre os grupos de verbos.”. Portanto, a decomposição dos predicados é uma linguagem semântica formal, sistemática, que lida com o sentido dos verbos. A linguagem da decomposição de predicados é capaz de explicitar as diferenças entre as classes e de abarcar sentidos recorrentes. Por um lado, esta linguagem pode representar o significado lexical que é gramaticalmente relevante. Por outro, pode abarcar a informação semântico-lexical, como os *papéis temáticos* (a relação semântica que se estabelece entre um predicado e seus argumentos) e o *aspecto lexical* (a propriedade lexical dos verbos que remete a como um evento denotado por um verbo se desenrola no decorrer do tempo).

Para mostrar a natureza decomposicional do verbo, Cançado *et al.* (2013a) propõem o teste com o advérbio *quase*, que evidencia a existência de dois subeventos distintos na semântica de um verbo e é associada à presença de uma relação causal. Esse teste permite

enxergar partes diferentes do sentido de um mesmo verbo, como se verifica no exemplo abaixo, retirado de Cançado *et al.* (2013a, p. 106), com o verbo *persuadir*:

- (82) *O João quase persuadiu a Maria a dançar.*
 (82a) *O que o João quase fez foi persuadir a Maria a dançar.*
 (82b) *O que o João fez foi quase persuadir a Maria a dançar.*

Segundo as autoras, tanto (82a) quanto (82b) são paráfrases da frase (82) com o verbo *persuadir* e o advérbio *quase*. Em (82a), o advérbio recai sobre o primeiro subevento, já que *João* ainda não fez nada para *persuadir Maria*. Em (82b), o advérbio recai sobre o segundo subevento, pois *João* agiu com a finalidade de *persuadir Maria*, mas não conseguiu. Esse teste nos mostra que o sentido de um verbo é decomponível e não unitário, pois se compõe de partes chamadas *eventualidades* ou *subeventos*. Ainda que seja um teste válido para acentuar os *subeventos* existentes numa mesma frase, parece-nos que, ao menos em um primeiro instante, essa ambiguidade descrita não é tão evidente. Na frase (82), compreende-se que *João* não *persuadiu Maria*, daí o questionamento sobre se ele tentou ou não persuadi-la não parece ser um problema para a compreensão geral do sentido explicitado.

Cançado *et al.* (2013a, p. 107) assumem que “classificar verbos implica agrupá-los em classes que partilham certas propriedades não só semânticas, mas também sintáticas, ou, ainda, implica agrupá-los por propriedades semânticas que tenham impacto no seu comportamento gramatical”. Assim, a constituição das classes é justificada pela correspondência entre as propriedades sintáticas e a representação semântica associada a cada predicado. Só as propriedades semânticas que se projetam nas propriedades sintáticas (formais) das construções são consideradas para efeitos de constituição desta taxonomia de predicados. Para exemplificar, Cançado *et al.* (2013b, pp. 18-19) citam a propriedade semântica *agir com intenção* (que caracterizaria o conjunto dos chamados verbos *volitivos*) como sendo um critério semântico relevante para o comportamento gramatical desses verbos. Os verbos que possuem essa propriedade semântica, tais como *comer* (*a maçã*), *escrever* (*a carta*), *cozinhar* (*a carne*), etc., admitem a formação da passiva: *a maçã foi comida*, *a carta foi escrita*, *a carne foi cozida*. Já os verbos que não possuem esta propriedade de *agir com intenção*, como, por exemplo, os verbos *preocupar*, *sentir*, etc., não aceitam a formação de

passiva: **a mãe foi preocupada (pelo filho), *a fome foi sentida (pelo menino)*¹³ e, portanto, precisam ser categorizados em uma classe diferente.

Cançado (2013, pp. 130-131) apresenta as estruturas de predicados primitivos dos verbos de mudança, proposto no *Catálogo* (Cançado *et al.*, 2013b), salientando que nas estruturas de predicados primitivos podemos distinguir duas partes: a *estrutura*, que representa o sentido recorrente entre os verbos de uma classe, e a *raiz* que é o sentido idiossincrático do verbo, tem relação com o lexema (que nem sempre é um nome cognato) e vem representada em itálico entre colchetes angulares:

- *quebrar*: [[X (VOLITION)] CAUSE [BECOME Y <QUEBRADO>]]
- *acomodar*: [[X VOLITION] CAUSE [BECOME Y <ACOMODADO> IN Z]]
- *enjaular*: [[X VOLITION] CAUSE [BECOME Y IN <JAULA>]]
- *apimentar*: [[X VOLITION] CAUSE [BECOME Y WITH <PIMENTA>]]

As paráfrases para as representações acima são as seguintes¹⁴:

- *quebrar*: X (volicionalmente ou não) causa Y ficar em determinado estado.
- *acomodar*: X volicionalmente causa Y ficar em determinado estado em algum lugar.
- *enjaular*: X volicionalmente causa Y ficar em determinado lugar.
- *apimentar*: X volicionalmente causa Y ficar com determinada coisa.

Segundo Cançado (2013, p.131), o agrupamento proposto para os verbos de mudança não é apenas descritivo, mas tem respaldo na estrutura de predicados de todas as classes. O sentido de mudança está explícito em todas as representações semânticas das classes analisadas pelo metapredicado *BECOME*. Cançado *et al.* (2013a, p.111) assumem que não existe uma tradução única para esse metapredicado em língua portuguesa, pois com certos adjetivos ele se compõe melhor com o verbo *tornar-se* para expressar o acarretamento da mudança de estado (*tornar-se um estado*), enquanto que com outros

¹³A formação da passiva com o verbo *preocupar* realmente nos parece pouco aceitável em língua portuguesa, no entanto, ao contrário do exemplo apresentado pelas autoras, a formação da passiva com o verbo *sentir* nos parece mais aceitável, como se observa nos exemplos retirados da *web*: *O terremoto registrado no centro do Chile foi sentido com menor intensidade em algumas cidades; A fome é sentida, principalmente, nos lares de famílias com fracos recursos.*

¹⁴ Mantivemos a terminologia apresentada por Cançado *et al.* (2013a, p. 109).

adjetivos ele se compõe melhor com o verbo *ficar* no acarretamento da mudança de estado (*ficar em um estado*). O relevante é que se mantenha o sentido de mudança. São os argumentos do metapredicado *BECOME* que demonstram os diferentes tipos de mudança: Y <QUEBRADO> representa o estado, Y <ACOMODADO> IN Z representa o estado locativo, Y IN <JAULA> representa o lugar e Y WITH <PIMENTA> representa a posse. São essas informações que dividem os verbos em classes de mudança mais específicas.

Pode-se afirmar que os trabalhos desenvolvidos nessa abordagem visam principalmente explicitar e representar as propriedades semânticas que têm interferência em propriedades sintáticas (como alternâncias verbais, passivas, reflexivas, etc.) e propor regras de ligação entre a estrutura semântico-lexical e a sintaxe. Segundo Cançado (2013, p. 131), a maior formalização da linguagem apresenta uma descrição mais fina e menos divergente do que outras descrições semânticas. Na subseção a seguir apresentaremos as classes verbais de mudança de estado do *Catálogo*, realizado com base na decomposição de predicados por Cançado *et al.* (2013b).

3.1.2 Classificação dos verbos de mudança no *Catálogo*

Cançado *et al.* (2013b) analisam 862 construções verbais e as classificam em quatro classes de acordo com as suas propriedades sintático-semânticas, instaurando-se nos estudos da chamada *Interface Sintaxe-Semântica Lexical*, que, através de uma linguagem formal e sistemática, classifica os verbos de mudança nas seguintes classes: **ME** (*mudança de estado*), **MEL** (*mudança de estado locativo*), **ML** (*mudança de lugar*) e **MP** (*mudança de posse*). A classe **ME** possui ainda uma subclassificação em: **MEV** (*mudança de estado volitivo*), **MEOV** (*mudança de estado opcionalmente volitivo*), **MENV** (*mudança de estado não volitivo*) e **MEI** (*mudança de estado incoativo*). A relação causal estabelecida entre os subeventos dos verbos dessas classes e a decomposição semântica dos verbos são observadas no teste com o advérbio *quase*, já apresentado na subseção anterior. Os exemplos abaixo foram retirados de Cançado *et al.* (2013a, p. 110):

- (83) *O João **quase** quebrou o vaso.* (MEOV)¹⁵
- (83a) *O que o João **quase** fez foi quebrar o vaso.*
- (83b) *O que o João fez foi **quase** quebrar o vaso.*
-
- (84) *O marceneiro **quase** acomodou a mobília no quarto.* (MEL)
- (84a) *O que o marceneiro **quase** fez foi acomodar a mobília no quarto.*
- (84b) *O que o marceneiro fez foi **quase** acomodar a mobília no quarto.*
-
- (85) *O domador **quase** enjaulou o leão.* (ML)
- (85a) *O que o domador **quase** fez foi enjaular o leão.*
- (85b) *O que o domador fez foi **quase** enjaular o leão.*
-
- (86) *A cozinheira **quase** apimentou a comida.* (MP)
- (86a) *O que a cozinheira **quase** fez foi apimentar a comida.*
- (86b) *O que a cozinheira fez foi **quase** apimentar a comida.*

Segundo as autoras, nos exemplos em (a), o adverbial *quase* tem escopo sobre o primeiro subevento, pois o sujeito nem começou a agir, e nos exemplos em (b), o advérbio *quase* recai sobre o segundo subevento do verbo, pois o sujeito agiu, mas o resultado da sua ação não se efetuiu. A Tabela 2 apresenta a estrutura, um exemplo e o número de verbos de cada uma das classes, incluindo a subdivisão dos verbos da classe de *mudança de estado*. Os exemplos foram retirados do *Catálogo* (Cançado *et al.*, 2013b).

¹⁵ Apresentamos apenas um exemplo de cada uma das classes gerais propostas por Cançado *et al.* (2013b), assim como as autoras as apresentam em Cançado *et al.* (2013a). Como representante das subclasses de *Mudança de Estado* (ME), as autoras apresentam a construção com o verbo *quebrar*, que é classificado como pertencente à subclasse *Mudança de Estado Opcionalmente Volitivo* (MEOV).

Tabela 2. Classes dos verbos de mudança do Português do Brasil (Cançado *et al.*, 2013)

Classe	Estrutura	Verbo	Exemplo	#
MEV	v:[X ACTvolition] CAUSE [BECOME Y <STATE>]]	<i>legalizar</i>	<i>O juiz legalizou a situação do casal.</i>	24
MEOV	v:[X ACT(volition)] CAUSE [BECOME Y <STATE>]]	<i>quebrar</i>	<i>O João quebrou o vaso. .</i>	436
MENV	v:[X ACT-STATE] CAUSE [BECOME Y <STATE>]]	<i>oprimir</i>	<i>O zelo excessivo da mãe oprimiu o filho.</i>	158
MEI	v:[BECOME Y <STATE>]]	<i>amadurecer</i>	<i>A banana amadureceu.</i>	64
MEL	v:[X ACTvolition] CAUSE [BECOME Y <STATE> IN Z]]	<i>acomodar</i>	<i>O marceneiro acomodou a mobília no quarto.</i>	69
ML	v:[X ACTvolition] CAUSE [BECOME Y IN <PLACE>]]	<i>enjaular</i>	<i>O domador enjaulou o leão.</i>	15
MP	v:[X ACTvolition] CAUSE [BECOME Y WITH <THING>]]	<i>apimentar</i>	<i>A cozinheira apimentou a comida.</i>	96
Total				862

Fonte: Cançado *et al.* (2013), adaptado pela autora

Verifica-se que esses verbos possuem uma relação causal, cujo metapredicado representado é, portanto, denominado *CAUSE*¹⁶. *X*, *Y* e *Z* representam os argumentos que se projetam na sintaxe. *X* é o argumento que ocupa a primeira posição argumental desse metapredicado e a ele se associa o modificador *VOLITION*, que caracteriza a intencionalidade da prática da ação. O metapredicado *BECOME* ('ficar'/'tornar-se') relaciona-se ao segundo subevento e denota a mudança recorrente em todas essas classes. Nas classes de *mudança de estado* (**ME**), como a classe de *quebrar*, tem-se o subevento [BECOME Y <STATE>] representando a mudança de estado. Na classe de *mudança de estado locativo* (**MEL**), como em *acomodar*, encontra-se o subevento [BECOME Y <STATE> IN Z], que satura a segunda posição argumental de *CAUSE* e representa a mudança de estado relativa a uma localização. A preposição *IN* ('em') é o metapredicado que toma Y <STATE> como primeiro argumento e o Z como segundo argumento; a preposição também mostra o sentido locativo contido no verbo. Na terceira classe, denominada *mudança de lugar* (**ML**), os verbos da classe de *enjaular*, temos o subevento [BECOME Y IN <PLACE>], que satura a segunda posição argumental de *CAUSE* e representa a mudança de lugar. O metapredicado *IN* indica, novamente, o sentido locativo do verbo e *Y* e <PLACE> ('lugar') são tomados como argumentos. Em *mudança de posse* (**MP**), da classe de *apimentar*, temos o subevento [BECOME Y WITH <THING>] saturando a segunda posição argumental de *CAUSE*. A

¹⁶ O nome dos conceitos são usados em inglês pelas autoras, por isso os mantivemos.

preposição *WITH* ('com') indica o sentido de posse do verbo e toma *Y* e <*THING*> ('coisa') como argumentos.

Como já apresentado, Cançado *et al.* (2013a, pp. 111-112) afirmam que os verbos, além do sentido que compartilham uns com os outros, também apresentam um sentido que é idiossincrático, chamado *raiz*, que vem representado em itálico e entre colchetes angulares. Nas classes **ME** e **MEL**, a raiz é classificada como *estado* <*STATE*>. Nos verbos da classe de **ML** a raiz é *lugar* <*PLACE*> e em **MP**, a raiz é *coisa* <*THING*>.

Ainda na Tabela 2, é possível observar que os verbos de *mudança de estado*, que englobam as categorias **MEV**, **MEOV**, **MENV** e **MEI**, representam cerca de 80% dos dados (682 verbos). A primeira propriedade de classificação desses verbos refere-se ao sentido: *BECOME* <*STATE*> '*ficar*'/ '*tornar-se*' *um determinado estado* <*sic*>. São elementos lexicais verbais de natureza causativa e que possibilitam a alternância entre uma forma transitiva e uma forma intransitiva. Nas diferentes subclasses dos verbos de *mudança de estado*, se agrupam os verbos de tipo psicológico (*acalmar*, *preocupar*, etc.), que se distinguem apenas por possuírem uma propriedade semântica de *experienciador*, característica relevante para certos efeitos de sentido na interpretação, mas irrelevante, segundo as autoras, para a criação de uma nova classe (Cançado *et al.*, 2013b, p. 63).

Os verbos da classe de *mudança de estado volitivo* (**MEV**), cuja paráfrase é: *o fato de X agir volicionalmente causa Y tornar-se um determinado estado*, aceitam apenas um *agente* na posição de sujeito, desse modo permitem a formação da passiva sintática (87a), admitem um instrumento como adjunto (87b), e permitem a forma incoativa marcada com o pronome reflexivo *se* (87c), como se observa nas frases abaixo, com o verbo *estatizar*:

- (87) *O presidente estatizou a empresa.*
- (87a) *A empresa foi estatizada (pelo presidente).* (passiva sintática)
- (87b) *O presidente estatizou a empresa com a nova lei.* (instrumento como adjunto)
- (87c) *A empresa (se) estatizou.* (forma com o clítico *se*)

Os verbos de *mudança de estado opcionalmente volitivos*, **MEOV** (*manchar*, *quebrar*, *tostar*, etc.), como já mencionado, aceitam tanto uma *causa* quanto um *agente* na posição sintática de sujeito. Para esta classe, *o fato de X agir (volicionalmente ou não) causa o Y ficar*

em determinado estado. Por admitirem a agentividade, esses verbos também aceitam um instrumento em posição de adjunto e a passiva sintática, como se observa no exemplo (88) com o verbo *abrir*:

(88) *O João/A ventania abriu a janela.*

(88a) *O João abriu a janela com uma chave de fenda.* (instrumento como adjunto)

(88b) *A janela foi aberta (pelo João)* (passiva sintática)

Os verbos de *mudança de estado não volitivo (MENV)* aceitam na posição de sujeito apenas um argumento com o papel de *causa*. A paráfrase para a sua estrutura é: *o fato de X agir ou estar em um estado causa o Y ficar em determinado estado*. A maioria dos verbos dessa classe é de tipo psicológico, tais como: *angustiar, cansar, decepcionar, encantar, preocupar*, etc., como na frase (89):

(89) *As mentiras do governo decepcionaram o povo.*

Os verbos de *mudança de estado incoativo (MEI)* podem admitir a inserção da *causa* na posição de sujeito ou de complemento e sua paráfrase é: *Y ficar em determinado estado*, como se vê na frase (90):

(90) *A banana amadureceu.*

(90a) *A banana ficou madura.*

(90b) *O calor amadureceu a banana.*

Como se verifica no exemplo (90), os verbos de *mudança de estado incoativo (MEI)* são monoargumentais e expressam uma mudança de estado na forma da paráfrase *Y ficar Adj* (90a). Os verbos dessa classe admitem uma causa exterior, como se vê em (90b), no entanto, como afirmam Cançado & Amaral (2010, p. 130), eles possuem uma “causa interna, pois a mudança de estado que ocorre no evento é ligada a propriedades inerentes do objeto que muda de estado.” São os verbos tais como: *azedar, apodrecer, coalhar, fermentar*, etc.

A classe dos verbos de *mudança de estado locativo* (**MEL**) constitui aproximadamente 7% dos verbos do *Catálogo*. Cançado *et al.* (2013b, pp. 45-46) entendem o *locativo* da frase como um argumento do verbo e admitem apenas um *agente* na posição de sujeito. A paráfrase para esta classe é: *o fato de X agir volicionalmente causa o Y ficar em determinado estado em algum lugar*, observada na frase (91) com o verbo *acomodar* (Cançado *et al.*, 2013b, p. 45):

(91) *O marceneiro acomodou a mobília no quarto.*

em que, *no quarto* é um complemento de *lugar* selecionado obrigatoriamente pelo verbo *acomodar*.

Os verbos de *mudança de lugar* (**ML**) representam cerca de apenas 2% dos verbos do *Catálogo*. Segundo Cançado & Godoy (2012, p. 124), trata-se de verbos do tipo *location*, que são *denominais*, pois derivam morfologicamente de um nome cognato do tipo *PLACE* ('*lugar*'). Cançado *et al.* (2013b, p. 49) ressaltam que, como se verifica no exemplo (92), o cognato (*jaula*) só pode aparecer em um sintagma preposicionado se estiver especificado (*jaula de ferro*); caso contrário, se observa um fenômeno de redundância, como acontece em (92a):

(92) *O Pedro enjaulou o leão (numa jaula de ferro).*

(92a) *O Pedro enjaulou o leão (*numa jaula).*

O que distingue esta classe (**ML**) da classe de verbos de *mudança de estado locativo* (**MEL**) é o número de argumentos exigidos pelos verbos: os verbos de *mudança de estado locativo*, como no exemplo (93), selecionam três argumentos, já os *verbos de mudança de lugar*, (94), selecionam apenas dois argumentos, já que “trazem o locativo específico inerente a seu sentido” (Cançado *et al.*, 2013b, p. 50):

(93) *A faxineira acomodou a vassoura no gancho.*

(94) *O domador enjaulou o animal.*

A última classe apresentada no *Catálogo* é a classe dos verbos de *mudança de posse* (MP), que integra 11% do total dos verbos analisados. Segundo Cançado *et al.* (2013b, p. 53), esta classe de verbos não acarreta uma *mudança de estado* do tipo *BECOME STATE*, como se observa no contraste entre a frase com o verbo *quebrar*, pertencente à classe de *mudança de estado* e o verbo *apimentar*, descrito na classe de *mudança de posse*:

(95) *A soprano *quebrou a taça de cristal, mas a taça de cristal não ficou quebrada.*

(96) A cozinheira *apimentou a comida, mas a comida não ficou apimentada.*

A paráfrase para a classe de *mudança de posse* é: *Y ficar com algo*, acarretando o sentido de *prover/fornir/guarnecer Y com algo*. Cançado *et al.* (2013b, p. 56) salientam que os verbos dessa classe também são *denominais*, pois derivam de um nome cognato do tipo *THING* (*coisa*), tais como: *enfaixar / faixa; engomar / goma; apimentar / pimenta*, etc. Esse nome estabelece uma relação de posse com o argumento do verbo, expressa pela preposição *WITH* (*com*)¹⁷. Cançado & Godoy (2012, p. 126) afirmam que a classe de *mudança de posse* engloba tanto os verbos do tipo *locatum* (97) quanto os verbos tidos como *benefactivos* (98):

(97) *O policial algemou o ladrão.*

(97a) *algemar*: [[X ACT] CAUSE [Y BECOME [WITH <ALGEMA>]]]

(98) *O Pedro premiou a Maria.*

(98a) *premiar*: [[X ACT] CAUSE [Y BECOME [WITH <PRÊMIO>]]]

Segundo Cançado & Godoy (2012, p. 127), apesar de parecer que os verbos *benefactivos* estabelecem um deslocamento de *X* para *Y*, o que se observa, na realidade, são entidades abstratas, que não existiam nas posses de *X* antes de existirem nas de *Y*. Portanto, de acordo com as autoras, a única diferença que parece haver entre os verbos *locatum* e os *benefactivos* é a abstração: os verbos *benefactivos* (*patrocinar, premiar*) são mais abstratos que os verbos *locatum* (*apimentar, algemar*).

¹⁷ Este tipo de complemento é tradicionalmente descrito como “instrumental” e não como complemento de “posse”.

A fim de acentuar a diferença entre os verbos de *mudança de lugar* e os verbos de *mudança de posse*, Cançado *et al.* (2013b, p. 57) concluem que “a diferença está unicamente no sentido da preposição abstrata; nos [verbos] de *mudança de lugar*, temos uma preposição *IN* (*em*), representando uma *relação locativa*, e nos de *mudança de posse*, temos a preposição *WITH* (*com*), representando uma *relação de posse*.”

(99) *O domador enjaulou o leão (numa jaula de ferro).*

(100) *A lavadeira engomou o vestido (com goma feita em casa).*

As frases acima, (99) e (100), ilustram a diferença da construção com ênfase no emprego das preposições *em* e *com* que, segundo as autoras, denotam, respectivamente, uma *relação locativa* e uma *relação de posse*.

Em síntese, pode-se afirmar que o *Catálogo* apresenta uma classificação sistemática de 862 construções verbais do PB em quatro classes gerais dos verbos de mudança: *mudança de estado*, *mudança de estado locativo*, *mudança de lugar* e *mudança de posse*. As classes que denotam uma relação de localização entre os elementos das frases são apenas duas: *mudança de estado locativo* (**MEL**) e *mudança de lugar* (**ML**). Ressalta-se, no entanto, que apenas a classe **ML** realmente utiliza o argumento <PLACE> como uma característica idiossincrática dos verbos que englobam esta classe. A relação locativa na classe **MEL** aparece devido ao uso do metapredicado *IN* (*em*). Por último, cabe salientar a proximidade entre as classes de *mudança de lugar* (**ML**) e *mudança de posse* (**MP**), por se constituírem de verbos *denominais*, que derivam morfologicamente de um nome de *lugar* e de um nome de *coisa*, respectivamente. Em ambas as classes, a preposição *em* e *com* designam, segundo as autoras, o valor *locativo* e o valor de *posse* das construções.

A seguir, realizaremos uma breve apresentação do arcabouço teórico-metodológico do *ViPEr*, assim como a classificação dos verbos do PE, com ênfase nas construções verbais locativas.

3.2 O ViPEr

O *ViPEr* (Baptista, 2013)¹⁸ é um banco de dados com a representação sintático-semântica dos verbos do português europeu. Esse trabalho destaca-se por sua aplicação direta no Processamento de Linguagem Natural (PLN) e pela quantidade de dados analisados, já que, até o momento, foram descritas cerca de 6.500 construções léxico-sintáticas do português europeu, distribuídas por 71 classes.

O vocabulário que constitui o *ViPEr* foi selecionado com base na frequência dos verbos plenos com cinco ou mais ocorrências no corpus CETEMPúblico¹⁹, processado pela STRING (Mamede *et al.* 2012), uma cadeia de processamento automático para a língua portuguesa baseado em regras e estatísticas.

A classificação dos verbos do *ViPEr* segue os princípios metodológicos do modelo do Léxico-Gramática (Gross 1975, 1981), que, *grosso modo*, considera que cada item lexical possui uma gramática própria. O modelo do Léxico-Gramática tem como pressuposto teórico a Gramática Transformacional de Harris (1961). Com o intuito de apreendermos os princípios que norteiam a classificação das construções verbais locativas propostas por Baptista (2013), apresentaremos, na subseção 3.2.1, os pressupostos do Léxico-Gramática e, na subseção 3.2.2, a classificação das construções verbais locativas do *ViPEr*.

3.2.1 O modelo do Léxico-Gramática

O Léxico-Gramática é um programa de investigação que pretende descrever sistematicamente as estruturas léxico-sintáticas de uma língua. Esse modelo teórico-metodológico foi desenvolvido por Gross (1968, 1975) e teve como influência direta a gramática transformacional proposta por Harris (1961).

Os estudos harrisianos foram as bases fundamentais para o desenvolvimento da Linguística de Corpus e da Análise do Discurso de linha francesa. Para Harris (1961), a língua é o único objeto de estudo existente não possuidor de uma metalinguagem externa à sua própria e, por isso, a notação matemática é o meio mais adequado para a descrição dos

¹⁸ Os dados do *ViPEr* utilizados no presente trabalho são da versão atualizada em junho de 2015. Como o *ViPEr* é um trabalho ainda em desenvolvimento, espera-se, com a análise contrastiva aqui realizada, contribuir para o desenvolvimento e maior precisão do seu banco de dados.

¹⁹ O corpus do CETEMPúblico contém cerca de 190 milhões de palavras e está disponível no site da Linguateca: <www.linguateca.pt/acesso/corpus.php?corpus=CETEMPUBLICO>, acesso em setembro de 2015.

fenômenos linguísticos. Segundo o autor, a capacidade informacional da língua é quantificável a partir de certas restrições combinatórias entre as unidades da língua.

A unidade mínima de análise da gramática transformacional é a *frase elementar*, também denominada *frase de base*, que se refere ao uso real e é construída pelos elementos necessários. Segundo Harris (1982), as *frases elementares* são constituídas por *operadores* (*verbos* ou *adjetivos* e *nomes predicativos*), que podem entrar na frase independente de outros elementos; e pelos *argumentos*, que são selecionados pelos *operadores*. Desse modo, os *operadores* impõem restrições sintáticas e semânticas para o preenchimento dos argumentos que ocupam a posição de sujeito e de complementos. Essa relação de dependência entre operadores e argumentos rompe, segundo Batista (2008), com a tradicional noção de sujeito e predicado, imprimindo um novo modelo.

Segundo Harris (1988, p. 10), há três tipos de restrições na combinação de palavras que produzem sentenças, a saber: (i) a ordenação parcial de palavras, ou seja, a ordem em termos de prioridade de entrada das palavras na frase; (ii) a desigualdade da probabilidade de palavras dentro da ordenação parcial; e (iii) as reduções.

As *frases elementares* podem sofrer diferentes processos transformacionais. Os mais recorrentes são: *pronominalização*, *modalização*, *apassivação*, *relativização* e *apagamento dos elementos*. A principal regra para o processo transformacional é o de não alterar nem o significado nem as restrições da frase elementar, ou seja, é possível apresentar alterações sintáticas, mas são mantidas as equivalências semânticas. Nos exemplos abaixo, retirados de Rassi (2015, p. 33), é possível observar diferentes processos transformacionais a partir da frase elementar (101):

(101) *Davi deu esse brinquedo ao filho.*

(101a) *Esse brinquedo foi dado ao filho por Davi.*

(Apassivação)

(101b) *Davi deu-lhe esse brinquedo.*

(Pronominalização SP)

(101c) *Davi deu-o ao filho.*

(Pronominalização SN)

Vê-se, portanto, que existe a mudança da posição sintática dos elementos que constituem a frase elementar, mas são mantidos os seus respectivos papéis temáticos.

Ainda segundo Harris, as transformações podem ser *binárias* ou *unárias*. As *binárias* combinam duas estruturas elementares para dar origem a uma estrutura complexa, como a

coordenação e a subordinação. As *unárias*, por sua vez, incidem sobre uma frase elementar originando outra frase elementar, como nos exemplos acima.

O modelo do Léxico-Gramática (Gross, 1968, 1975) tem suas bases no distribucionalismo e na gramática transformacional de Harris (1961). Como já mencionado, a análise transformacional propõe a construção de outras frases em relação a uma primeira, numa relação de paráfrase. Por sua parte, a análise distribucional consiste na individualização dos traços de seleção de coocorrência presentes nas diversas entradas lexicais.

A formalização utilizada para a representação das descrições linguísticas no Léxico-Gramática é a construção de matrizes binárias (tábuas), nas quais as linhas apresentam as entradas lexicais e as colunas, as propriedades sintáticas, semânticas, estruturais, distribucionais e transformacionais. Quando uma entrada possui determinada propriedade, é assinalado o símbolo ‘+’ e quando a entrada não possui essa propriedade, é utilizado o símbolo ‘-’. As propriedades analisadas nas colunas variam, dependendo dos objetivos e do objeto de estudo de cada investigação. O Quadro 3 apresenta um exemplo de matriz binária dos verbos locativos, retirado do trabalho em desenvolvimento por Baptista (2013).

Quadro 3. Exemplo de Matriz Binária (ViPEr)

Lema	Classe	N0 Sem Role	N0=Hum	Prep1=0	N1 Sem Role	N1=mHum	Prep2=0	Prep2=Loc	N2=0	N2=Nloc	[Pass_ser]	[Pass_estar]	Exemplo	PB
concretar	38L4	agent-gen	+	+	object-gen	+	+	-	+	-	+	+	<i>O pedreiro concretou o chão do quintal.</i>	+
dedetizar	38L4	agent-gen	+	+	object-gen	+	+	-	+	-	+	+	<i>O funcionário dedetizou a casa.</i>	+
enfurnar	38LD	agent-gen	+	+	object-gen	+	-	+	-	+	+	+	<i>Pedro enfurnou o dinheiro debaixo do colchão.</i>	+
estocar	38LD	agent-gen	+	+	object-gen	+	-	+	-	+	+	+	<i>O Pedro estocou os alimentos na despensa.</i>	+

Fonte: Adaptado do ViPEr (Baptista, 2013)

Para o Léxico-Gramática, o léxico, a sintaxe e a semântica estão integrados e devem ser analisados de forma conjunta. Trata-se de uma proposta teórica e metodológica que tem como objetivo criar uma gramática do léxico, na qual parte-se do *operador* para descrever as

propriedades sintáticas e semânticas, ou seja, as propriedades estruturais, distribucionais e transformacionais.

Segundo Rassi (2008), os principais fundamentos do Léxico-Gramática são:

- *Cada unidade lexical tem sua gramática própria*: cada unidade lexical impõe restrições específicas para o preenchimento lexical do argumento na posição de sujeito e complementos, por isso cada uma apresenta uma gramática própria.
- *A unidade mínima de análise é a frase elementar*: uma palavra isolada nem sempre apresenta uma única interpretação possível, por isso, a unidade mínima de análise é a palavra em contexto, ou seja, a palavra na frase elementar, que se constitui por todos os elementos essenciais e suficientes.
- *Os testes de aceitabilidade são feitos com base na introspecção*: Segundo Gross (1975, p. 23), “a aceitabilidade é então uma noção muito complexa, que abrange as intuições de forma e de sentido, e que depende de inúmeros fatores culturais”, por isso é importante que o linguista domine a língua que esteja descrevendo para que possa recorrer à introspecção para avaliar a aceitabilidade (ou não) de determinada propriedade.

A seguir apresentaremos a classificação dos verbos locativos no *ViPEr*, cuja descrição segue os princípios do Léxico-Gramática.

3.2.2 Classificação dos verbos locativos no *ViPEr*

A classificação dos verbos do *ViPEr*, proposta por Baptista (2013), se assenta no conceito de *frase elementar*, que é a unidade mínima de análise. Ainda seguindo os princípios metodológicos do Léxico-Gramática, Baptista (2013) apresenta em classes formalizadas as *propriedades estruturais*, as *restrições distribucionais* e as *propriedades transformacionais* de cada uma das entradas.

Quanto às *propriedades estruturais*, são analisados o número e o tipo de argumentos, assim como as preposições que introduzem os complementos na frase. Em língua portuguesa, os predicados verbais apresentam entre um e três argumentos, salvo as *construções meteorológicas* e de *partes do dia* (*chover, nevar; amanhecer, anoitecer*) e as *construções*

impessoais (*tratar-se de*); além das construções com predicados de *transferência* (*importar, transferir*) e outros casos semanticamente heterogêneos (*apostar*) que admitem mais de três argumentos. A preposição que introduz o complemento também foi considerada um critério importante, já que cada construção apresenta geralmente apenas uma das preposições: *a, com, de, em, para, por, sobre*. No caso das construções locativas, as preposições foram anotadas como *Loc* e são determinadas pela natureza semântica do complemento locativo (*estativo, origem, trajetória, destino*) que introduzem.

Em relação às *restrições distribucionais*, quanto ao preenchimento lexical das várias posições argumentais, o autor seleciona os seguintes critérios: (i) a oposição *humano e não-humano* (*Hum/nHum*); (ii) a restrição de *nome plural* (*Npl*) na posição de sujeito ou complemento; (iii) os nomes referentes a uma *parte do corpo* (*Npc*); (iv) os nomes que podem ser interpretados como *lugar* (*Nloc*) e; (v) as construções verbais que apresentam fortes restrições (*R*) para o preenchimento lexical de alguma de suas posições sintáticas, sobretudo o complemento direto (e.g.: *estrelar ovo*).

A aplicação de certas *transformações sintáticas* dá origem a estruturas complexas, que podem suscitar problemas de classificação, mas que permitem agrupar verbos que possuem comportamentos similares. No *ViPEr*, analisaram-se, por exemplo, as *construções causativas*, identificadas através da operação de *Fusão* (Gross, 1981, p.45), que se refere a um processo de combinação de frases que pode modificar o número de argumentos de um verbo, seja combinando dois verbos entre si, seja combinando um verbo e um argumento, no qual um dos dois elementos desaparece. Nas construções locativas, esta propriedade é característica das classes **38L2**, **38L4** e **38L5**, nas quais ocorre a fusão de um operador (*pôr* ou *tirar*) e um predicado locativo, como se observa nas frases (102) e (103):

(102) *O Pedro enjaulou o leão.* **(38L2)**

(102a) *O Pedro pôs # o leão está na jaula.*

(102b) = *O Pedro pôs # o leão na jaula.*

(103) *O Pedro desengordurou o prato.* **(38L5)**

(103a) *O Pedro tirou # a gordura está no prato.*

(103b) = *O Pedro tirou # a gordura do prato.*

Considerando-se as propriedades *estruturais*, *distribucionais* e *transformacionais* acima mencionadas, Baptista (2013) classificou 1.074 verbos que exprimem uma relação de *localização* entre os seus constituintes e que foram organizados em 12 classes. A Tabela 3 apresenta a estrutura, um exemplo e o número de verbos de cada uma das classes de verbos locativos do *ViPER*.

Tabela 3. Classes dos verbos locativos do Português Europeu (Baptista, 2013)

Classe	Estrutura ²⁰	Verbo	Exemplo	#
35LD	$N_0 V\text{-din} Loc_1 Nloc_1$	<i>entrar</i>	<i>O Pedro entrou na sala.</i>	178
35LS	$N_0 V\text{-stat} Loc_1 Nloc_1$	<i>viver</i>	<i>O Pedro vive em Lisboa.</i>	32
37LD	$N_0 Vdin Loc\text{-s}_1 Nloc_1 Loc\text{-d}_2 Nloc_2$	<i>viajar</i>	<i>O Pedro viajou daqui para ali.</i>	111
38L1	$N_0 V Nloc_1$	<i>invadir</i>	<i>O Pedro invadiu a sala.</i>	206
38L2	$N_0 Nloc\text{-v} Nobj_1 [V=p\hat{o}r\ em\ Nloc]$	<i>enjaular</i>	<i>O Pedro enjaulou o leão.</i>	38
38L3	$Nloc_0 V Nobj_1$	<i>encerrar</i>	<i>A jaula encerrava a fera.</i>	10
38L4	$N_0 Nobj\text{-v} Nloc\text{-d}_1 [V=p\hat{o}r\ Nobj]$	<i>apimentar</i>	<i>O Pedro apimentou a comida.</i>	109
38L5	$N_0 Nobj\text{-v} Nloc\text{-s}_1 [V=tirar\ Nobj]$	<i>desengordurar</i>	<i>O Pedro desengordurou o prato.</i>	10
38LD	$N_0 Vdin N_1 Loc\text{-d}_2 Nloc_2$	<i>pousar</i>	<i>O Pedro pousou o livro na mesa.</i>	255
38LS	$N_0 Vdin N_1 Loc\text{-s}_2 Nloc_2$	<i>retirar</i>	<i>O Pedro retirou o livro da mesa.</i>	77
38LT	$N_0 Vdin N_1 Loc\text{-s}_2 Nloc_2 Loc\text{-d}_3 Nloc_3$	<i>transferir</i>	<i>O Pedro transferiu o livro daqui para ali.</i>	45
38R	$N_0 Vstat N_1 Loc_2 N_2$	<i>situar</i>	<i>O Pedro situou o Butão no mapa.</i>	3
Total				1.074

Fonte: Baptista (2013), adaptado pela autora

Como se vê na Tabela 3, um fator determinante para a classificação dos verbos é o seu carácter *estativo* ou *dinâmico*. A classe **38R** possui apenas 3 verbos *estativos* descritos (*detectar*, *localizar* e *situar*). Trata-se de verbos que selecionam um complemento direto e um complemento preposicionado com valor de *lugar*. A classe **35LS**, por sua vez, possui 32 verbos, tais como: *acampar*, *morar*, *residir*, *viver*, etc., que exprimem um predicado de localização (*estativo*) com um complemento preposicionado de *lugar*, como se observa no exemplo (104), com o verbo *morar*:

(104) *O Pedro mora no Rio de Janeiro.*

(35LS)

²⁰ Notações: N_0, N_1, N_2, N_3 : sujeito e complementos; *Prep*: preposição; *Nloc*: nome locativo (papel semântico); *Nobj*: nome objeto (papel semântico); *Loc*: preposição locativa, *-d* de destino, *-s* de origem; *V*: verbo, *Vdin*: verbo locativo dinâmico; *Vstat*: verbo locativo estativo.

As demais classes se referem às *construções locativas dinâmicas* (com exceção da classe **38L3** que apresentaremos mais adiante), e consideram se o complemento locativo se refere a um locativo de *origem*, *trajetória* ou *destino*. A classe **35LD** é constituída por verbos que exprimem um predicado de movimento (*dinâmico*) com um complemento preposicionado com valor de *lugar de destino*. Nessa classe estão os verbos como *entrar*, *passar*, *refugiar*, etc.

(105) *O Pedro entrou na sala.* (35LD)

As classes **38LD** e **38LS** englobam as construções com um complemento direto (*objeto*) e um complemento preposicionado (*lugar*), em que o sujeito é interpretado como *agente* ou *causa*. A diferença entre essas classes é que a primeira (**38LD**) contém os verbos cuja interpretação do complemento preposicionado é de um *lugar de destino*, (106), enquanto a classe **38LS** reúne os casos cujo complemento preposicionado é interpretado como um *lugar de origem*, (107). Por selecionar um complemento locativo de *origem*, a classe **38LS** contém ainda o agrupamento da maioria dos verbos com o prefixo *des-*, tais como *desacorrentar*, *desaparafusar*, *desencaixar*, *desentulhar*, *desgrudar*, etc.

(106) *O Pedro guardou as chaves na gaveta.* (38LD)

(107) *O Pedro retirou as chaves da gaveta.* (38LS)

As classes **37LD** e **38LT** apresentam as construções com dois complementos preposicionados de natureza locativa. Por convenção, o primeiro complemento exprime o lugar de *origem* e o segundo, de *destino*, ainda que possam trocar de posição. Os verbos da classe **37LD** de fato selecionam apenas os dois complementos preposicionados, como se vê, com o verbo *emigrar*, na frase (108). Os verbos da classe **38LT**, por seu turno, selecionam, além dos dois complementos preposicionados, um complemento direto. Trata-se de construções que exprimem uma *transferência* (109).

(108) *O Pedro emigrou da Itália para o Brasil em 1940.* (37LD)

(109) *O Pedro moveu as mobílias da casa velha para a casa nova.* (38LT)

Além das construções preposicionadas, Baptista (2013) descreve as construções locativas transitivas diretas. Na classe **38L1** estão os verbos que estabelecem uma relação entre o sujeito, interpretado como *objeto*, e o complemento direto, entendido como o *lugar*. Fazem parte desta classe verbos como: *atravessar, saltar, subir*, etc., como ilustra o exemplo (110):

(110) *O Pedro atravessou a rua.* (38L1)

A classe **38L3** possui as construções locativas transitivas diretas *estativas*, cujo sujeito tem uma interpretação de *lugar* enquanto o complemento direto é o elemento com o qual o verbo estabelece uma relação de localização. São verbos como *abrigar, acomodar, albergar*, etc.:

(111) *A gruta abrigou o João.* (38L3)

O *ViPEr* apresenta também a descrição de casos especiais das construções locativas transitivas diretas que envolvem a noção de *Fusão* (Gross, 1981), como já mencionado. Trata-se das classes **38L2**, **38L4** e **38L5**, que podem ser analisadas pela *Fusão* dos operadores *pôr* e *tirar*, que designam, respectivamente, *destino* e *origem*, e um predicado locativo:

(112) *O Pedro engaiolou o pássaro.* (38L2)

(112a) *O Pedro pôs # o pássaro está na gaiola.*

(112b) = *O Pedro pôs # o pássaro na gaiola.*

(113) *O Pedro envenenou a bebida.* (38L4)

(113a) *O Pedro pôs # o veneno está na bebida.*

(113b) = *O Pedro pôs # o veneno na bebida.*

(114) *O Pedro desrolhou a garrafa.* (38L5)

(114a) *O Pedro tirou # a rolha está na garrafa.*

(114b) = *O Pedro tirou # a rolha da garrafa.*

Portanto, o *ViPEr* agrupa, em 12 classes, diferentes construções verbais locativas, distinguindo-as por diversos aspectos, dentre os quais, podemos citar o caráter *estativo* ou *dinâmico*, o número de argumentos selecionados pelos verbos e as propriedades dos complementos locativos (*origem, destino, trajetória*).

Respeitando os objetivos e a dimensão de cada uma das duas pesquisas aqui descritas, assim como os pontos de vista teóricos e metodológicos distintos, apresentaremos, na seção 3.3, a análise contrastiva dos dados de cada uma.

3.3 Análise contrastiva

A fim de observarmos os pontos comuns e divergentes entre os trabalhos mencionados, intersectamos os 862 verbos do *Catálogo* com as 6.547 construções verbais do *ViPEr*. A intersecção dos verbos foi realizada de maneira semiautomática, organizando os dados em planilhas para a associação dos lemas comuns, e a análise manual para a identificação das construções locativas. Dos 862 verbos do *Catálogo*, 69 verbos não estavam recenseados no *ViPEr*, dos quais 39 constituem uma relação de *localização* entre os constituintes. Justifica-se a ausência destes verbos no *ViPEr* por se tratarem de casos considerados pouco usuais ou usuais apenas no Brasil (*enfurnar*^{PB}, *empipocar*^{PB}, *envelopar*^{PB}), ou por resultarem de um padrão diferenciado de prefixação em cada uma das variantes da língua portuguesa (*arroxear*^{PE}/*roxear*^{PB})²¹. Na análise contrastiva (Tabela 4), que apresentamos no presente trabalho, destacamos apenas a relação entre os verbos do *Catálogo* com os verbos do *ViPEr* que constituem as 12 classes de construções locativas.

²¹ No Anexo B, apresentamos a lista dos verbos do *Catálogo* que não estavam recenseados no *ViPEr*.

Tabela 4. Análise contrastiva da classificação (*Catálogo /ViPEr*)

<i>Catálogo/ ViPEr</i>	MEV	MEOV	MENV	MEI	MEL	ML	MP	TOTAL	# <i>ViPEr</i>
35LD	0	2	0	0	2	0	0	4	178
35LS	0	1	0	0	0	0	0	1	32
37LD	0	0	0	0	0	0	0	0	111
38L1	0	13	0	0	0	0	6	19	206
38L2	0	0	0	0	5	10	3	18	38
38L3	0	0	0	0	0	0	0	0	10
38L4	0	7	0	1	1	0	31	40	109
38L5	0	1	0	0	0	0	0	1	10
38LD	0	10	0	0	48	1	4	63	255
38LS	0	8	0	0	0	0	0	8	255
38LT	0	0	0	0	0	0	0	0	45
38R	0	0	0	0	0	0	0	0	3
TOTAL	0	42	0	1	56	11	44	154	1.074
#Catálogo	24	436	158	64	69	15	96	862	

Fonte: Elaborado pela autora

A partir da análise da Tabela 4, verifica-se que algumas construções locativas do *Catálogo* tendem a corresponder a classes de construções do *ViPEr* específicas. Essa correspondência, porém, não é perfeita, observando-se, pontualmente, alguma dispersão das construções de uma dada classe do *Catálogo* por várias classes do *ViPEr*.

Assim, a maioria (48/56) dos verbos da classe **MEL** corresponde à classe **38LD**, são os casos, por exemplo, dos verbos *acomodar*, *hospedar*, *trancar*, etc. Os verbos da classe **ML** correspondem essencialmente (10/11) à classe **38L2**, sendo os verbos que, segundo Baptista (2013), são formados sobre um nome interpretável como *lugar*, tais como: *engarrafar*, *enjaular*, *enlatar*, etc.

A maioria (31/44) dos verbos da classe **MP** (*mudança de posse*) corresponde à classe **38L4**, embora a noção de *lugar* não faça parte da definição conceitual no *Catálogo*. São os casos de verbos como *açucarar*, *apimentar*, *gaseificar*, *selar*, etc., que, no *ViPEr*, são entendidos como os verbos formados sobre um nome não humano interpretado como *objeto* e que selecionam um complemento direto que é interpretado como um *locativo de destino*.

Os verbos interpretados como locativos da classe **MEOV** não correspondem a nenhuma classe do *ViPEr* específica, embora se verifique uma maior concentração em quatro delas (**38L1**, **38LD**, **38LS** e **38L4**). Não foram encontrados verbos com empregos locativos nas classes **MEV** e **MENV**. Na classe **MEI** foi encontrado apenas um emprego locativo, *açucarar*, que possui uma entrada tanto na classe **MEI** quanto na classe **MP**, por possibilitar, segundo o *Catálogo*, a construção da forma intransitiva (115) e a construção da forma transitiva com sujeito agente (115a):

- (115) *O mel açucarou.* (MEI)
 (115a) *O menino açucarou o café.* (MP)

Em contrapartida, os verbos da classe **38L1** do *ViPEr* distribuem-se pela classe **MEOV** (13/19) e pela classe **MP** (6/19). Na classe **MEOV** estão verbos como *bloquear*, *encharcar* e *inundar*. Na classe **MP** estão os verbos: *acarpetar*, *arborizar*, *atapetar*, *cercar*, *encerar* e *pavimentar*. Desses, *acarpetar*, *atapetar* e *encerar* nos parecem ser verbos construídos sobre nomes que podem ser interpretados como *objeto* (*carpete*, *tapete* e *cera*) e, por isso, estariam mais bem representados na classe **38L4** do *ViPEr*, aumentando a correspondência existente entre a classe **MP** e a classe **38L4**.

Os empregos da classe **38L2** estão quase todos (10/18) na classe **ML** e os da classe **38L4** em **MP** (31/40) ou em **MEOV** (7/40); já os da classe **38LD** correspondem, na maior parte (48/63) à classe **MEL**, havendo um núcleo importante classificado em **MEOV**; finalmente, todos os empregos da construção **38LS** estão na classe **MEOV**. Tirando os casos acima assinalados, as restantes construções do *Catálogo* (21/154) encontram-se, de um modo geral, pulverizadas pelas várias classes do *ViPEr*.

Não se encontrou nenhum dos 111 verbos da classe **37LD** na classificação do *Catálogo*, o que é surpreendente, por se tratar de uma classe que engloba construções dinâmicas e que denotam mudança de lugar. Nos verbos dessa classe não é possível determinar uma predominância na seleção de um dos três tipos de complemento locativo (*origem*, *trajetória*, *destino*), como com o verbo *viajar*:

- (116) *O Pedro viajou de Campinas para o Rio via São Paulo.* (37LD)

Tampouco foram encontradas correspondências entre os verbos das classes **38L3**, **38LT** e **38R** do *ViPEr* nos verbos do *Catálogo*.

Um número importante de construções locativas, sobretudo da classe **38L4** (31/40), é classificado no *Catálogo* como verbos de *mudança de posse* **MP** (44/154). Trata-se de construções como em (117):

(117) *A cozinheira apimentou a comida.* (38L4/MP)

Segundo Cançado *et al.* (2013b, p. 55), a classe **MP** é constituída por verbos que acarretam o significado de *prover Y com algo*, considerando as autoras haver uma relação de *posse* entre o nome do qual o verbo deriva morfologicamente (*apimentar/pimenta*) e o objeto (*comida*); ver exemplo (117a). Baptista (2013), por sua vez, define os verbos da classe **38L4** pela sua construção locativa transitiva direta, na qual o verbo é derivado de um nome não humano, interpretado como o *objeto* do processo (Nobj), e o complemento direto é interpretado como o *locativo de destino* (Nloc); a estas construções corresponde a paráfrase *N_o pôr Nobj em Nloc₁* (117b):

(117a) *A cozinheira proveu a comida de pimenta; a comida tem pimenta.* (MP)

(117b) *A cozinheira pôs pimenta na comida.* (38L4)

Apesar das diferenças na conceitualização das construções e do estatuto mais relevante dado no *Catálogo* à natureza (não)volitiva/causativa do sujeito como critério classificatório, é evidente o elevado grau de intersecção entre as duas classificações nesses tipos de construções.

Outro caso de clara correspondência entre o *Catálogo* e o *ViPEr* é o da classe **ML** e da classe **38L2**, ilustrado em (118) e (118a):

(118) *O Pedro engaiolou o pássaro.* (38L2/ML)

(118a) *O Pedro pôs o pássaro numa gaiola.*

Trata-se de construções em que o verbo deriva de um nome interpretado como o *lugar de destino* (*Nloc: engaiolar/gaiola*) do *objeto* que desempenha a função de complemento direto (*pássaro*); essa construção tem a paráfrase: *N₀ pôr Nobj₁ em Nloc₁*, ilustrada em (118b).

O caso mais produtivo (48/63) de correspondência entre as duas classificações consiste, porém, na relação entre as classes **MEL** e **38LD**, com um complemento direto e um complemento preposicionado locativo, a que se somam 10 verbos da classe **MEOV**, com sujeito opcionalmente volitivo. Trata-se, no caso da classe **MEL**, de construções como em (119):

(119) *O Pedro depositou o livro na mesa.* (38LD/MEL)

Uma análise fina dos casos isolados, pouco numerosos (21/154), em que não se observa uma correspondência entre as classes de construções habitualmente emparelhadas entre cada um dos esquemas de classificação, nos mostra que houve lapsos pontuais na aplicação desses critérios. É o que se observa na classe **35LD** (com um único complemento locativo, em que geralmente predomina um dos tipos de papel semântico: *origem, trajetória* ou *destino*) e que reúne 178 empregos verbais. Esta classe parece igualmente sub-representada no *Catálogo* (4 verbos). Também dos 32 verbos da classe **35LS**, apenas o verbo *encalhar* está representado no *Catálogo*, embora não nas classes locativas, mas sim na classe **MEOV**, com um sujeito opcionalmente volitivo, e corresponde a empregos como em (120):

(120) *(A força da corrente+O capitão) encalhou a embarcação num banco de areia.*

enquanto a construção intransitiva, representada no *ViPEr*, corresponde a:

(120a) *A embarcação encalhou no banco de areia.*

Trata-se, sem dúvida, de um lapso de classificação, já que no *ViPEr* estas construções intransitivas (120a) são regularmente derivadas a partir da estrutura mais longa (120), sendo analisadas como resultantes da aplicação da operação de *Fusão* de um verbo-operador, como *fazer*, à construção intransitiva de base.

A construção com infinitiva (120b) sofre depois um processo de *reestruturação*, em que se observa uma inversão do sujeito da infinitiva, a qual passa a funcionar como complemento direto do verbo. A operação de *Fusão* reduz, então, o verbo-operador deixando o verbo principal na construção transitiva direta com sujeito causativo e um complemento direto que é interpretado da mesma forma (tem o mesmo papel semântico) que o sujeito da construção intransitiva (120c):

(120b) *(A força da corrente+O capitão) fez a embarcação encalhar num banco de areia.*

(120c) *(A força da corrente+O capitão) fez encalhar a embarcação num banco de areia.*

Por esta razão, o verbo deveria ter sido integrado na classe **38LD**. Uma análise cuidadosa de **35LS** poderá eventualmente restringir esta classe às construções intransitivas não associadas pela operação de *Fusão* a construções com verbo-operador e estas, por sua vez, às construções transitivas diretas.

Outra situação isolada e a analisar é a do verbo *embainhar* (**38LD/ML**) que deveria ter sido antes classificado como um **38L2**, já que corresponde à construção ‘meter (a espada ou o punhal) na bainha’ e que é comum a ambas as variantes da língua.

Veja-se ainda o emprego de *marcar* (**38L4/MEL**), que corresponde à expressão (121) e que, aparentemente, não está representado no *ViPEr*; esta construção corresponderia à classe **38LD**.

(121) *A mãe marcou as iniciais do filho nas roupas.*

Por outro lado, entre as seis construções de *marcar* registradas no *ViPEr*, a construção ilustrada em (121a), da classe **38L4**, não parece corresponder à construção representada no *Catálogo*.

(121a) *O Pedro marcou o livro (com uma marca amarela+com um marcador)* (**38L4**)

Além desta, encontramos ainda em **32R** a construção (121b):

(121b) *O fazendeiro marcou o gado (com um ferro em brasa).* (**32R**)

Em (121b) *marcar* corresponde, de fato, a ‘colocar uma *marca*’ (mas não com um *marcador*) – trata-se de uma marca que identifica o proprietário ou produtor do *gado*. Nenhuma dessas construções se encontra, porém, no *Catálogo*.

Apenas 5 verbos estão na classe **38L2** e são representados no *Catálogo* na classe **MEL**. Trata-se dos verbos *aninhar*, *aprisionar*, *armazenar*, *enclausurar* e *enterrar*. Para o *ViPEr*, esta classe possui verbos que se constroem com base em um nome de *lugar* (*ninho*, *prisão*, *armazém*, *clausura* e *terra*) e podem ser identificados pela operação de *Fusão* envolvendo um verbo-operador como *pôr* e a construção preposicionada *estativa em*, como se observa em (122):

(122) *O passarinho aninhou os filhotes (num ninho pequeno).*

(122a) = *O passarinho pôs # os filhotes no ninho.*

(122b) = *O passarinho pôs # os filhotes estão no ninho.*

Por este motivo, estes verbos estão classificados na classe **38L2**. No entanto, observa-se que é possível construir frases nas quais o complemento locativo não é o nome do qual o verbo é derivado. É o que ocorre, por exemplo, nas frases (123) e (123a), nas quais o verbo *aninhar* tem como complemento locativo o nome *sofá*:

(123) *O Pedro aninhou-se no sofá.*

(123a) *O Pedro aninhou os cãezinhos no sofá.*

Portanto, parece haver uma maior autonomia desta construção verbal em relação à estrutura em que o verbo está associado ao nome de lugar cognato. Por esta razão, os verbos em questão (*aninhar*, *aprisionar*, *armazenar*, *enclausurar* e *enterrar*) não deveriam ter sido classificados na classe **38L2** no *ViPEr*, mas sim na classe **38LD**, ainda que se possa conceber terem tido origem em construções **38L2**, da qual progressivamente se tenham distanciado e autonomizado.

Com a análise contrastiva dos dois trabalhos aqui descritos, pudemos observar os pontos comuns e os aspectos divergentes mais importantes da classificação das construções verbais locativas nas duas variantes, europeia e brasileira, do português. Ainda que os critérios de classificação partam de pontos de vista teóricos e metodológicos distintos, é possível desde já determinar uma elevada correspondência entre algumas das classes do *Catálogo* e as classes de construção locativa do *ViPEr*. São exemplo disso os empregos com complemento direto e complemento preposicionado *locativo* (**38LD** e **MEOV/MEL**), ou apenas com um complemento direto com valor de *lugar* (**38L1** e **MEOV/MP**); ou ainda as classes em que o verbo deriva morfologicamente de um nome designativo de *objeto* (**38L4** e **MP**) ou de *lugar* (**38L2** e **ML**) da construção. Acreditamos que as principais diferenças encontradas nas duas variantes da língua restringiram-se a aspectos lexicais.

A partir da análise contrastiva também foi possível identificar alguns lapsos na classificação do *ViPEr*, os quais foram devidamente acrescentados ou reclassificados, juntamente com o Professor Doutor Jorge Baptista, responsável pelo desenvolvimento desse banco de dados. Desse modo, concluímos que a análise contrastiva não só pôde apresentar uma descrição mais minuciosa do fenômeno em pauta, como contribuiu diretamente na ampliação do banco de dados do *ViPEr* que, inicialmente, era voltado apenas para a variante europeia, mas que agora já apresenta construções verbais exclusivas (ou mais recorrentes) do português brasileiro.

Capítulo 4

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os principais objetivos que nortearam esta dissertação foram: (i) a descrição das construções verbais locativas em língua portuguesa e (ii) a análise contrastiva entre dois estudos que englobam esse fenômeno, com o intuito de descrevê-lo minuciosamente e de apresentar os pontos comuns e divergentes nas variantes brasileira e europeia da língua portuguesa. Consideramos, ao fim deste estudo, que esses objetivos foram atendidos.

Iniciamos o trabalho com a descrição das propriedades sintático-semânticas das construções verbais locativas, a partir da análise de estudos de diferentes abordagens teóricas e metodológicas. Concluímos que os verbos locativos são aqueles que estabelecem uma relação de localização entre um nome, que designa um *lugar*, e outro nome, que designa o *objeto* desse lugar. Os complementos locativos podem ser essenciais para a construção do predicado verbal ou meros adjuntos adverbiais, também denominados *locativos cênicos*, cuja inserção na frase de base se faz por meio de um verbo-suporte de ocorrência. Os testes apresentados para a identificação dos complementos locativos foram a substituição do complemento pelos *advérbios pronominais* (*aqui, cá, aí, lá, ali*); e a resposta adequada à interrogativa com o advérbio *onde* ou (*Prep*) *onde*. Ressaltamos ainda o caso das construções transitivas diretas locativas, em que o complemento locativo é identificado através da construção da paráfrase *antes, durante ou depois da ação X está em Y*. Apresentamos ainda outros elementos que designam a relação de localização na frase, tais como as *preposições* e *locuções prepositivas*, assim como os *advérbios pronominais* e alguns *advérbios terminados em -mente*.

Em seguida, detivemo-nos na descrição dos dois trabalhos que descrevem o fenômeno das construções verbais locativas: o *Catálogo* do PB (Cançado *et al.*, 2013b) e o *ViPEr* do PE (Baptista, 2013). Além de termos nos atentado às suas bases teórico-metodológicas, realizamos uma análise contrastiva dos dados a partir da qual pudemos observar os pontos comuns e os aspectos divergentes mais importantes da classificação das construções verbais locativas nessas duas variantes da língua portuguesa. Ainda que os critérios de classificação

partam de pontos de vista distintos, foi possível identificar uma elevada correspondência entre algumas das classes do *Catálogo* e as classes de construções locativas do *ViPEr*. São exemplos disso as construções locativas com complemento direto e complemento preposicionado locativo (**38LD** e **MEL**); as construções com um complemento direto com valor de *lugar* (**38L1** e **MP**); ou ainda as classes em que os verbos derivam morfologicamente de um nome designativo de *objeto* (**38L4** e **MP**) ou de *lugar* (**38L2** e **ML**). As principais diferenças encontradas nas duas variantes da língua restringiram-se, sobretudo, a aspectos lexicais, como se observa na lista das construções com verbos exclusivos do PB (Anexo B) e pelos verbos marcados por processos diferenciados de derivação (*parafusar/aparafusar, roxear/arroxear, arrolhar/rolhar, desembacar/desembaciar*, etc.).

Em parceria com o Professor Doutor Jorge Baptista, responsável pelo desenvolvimento dos dados do *ViPEr*, acrescentamos às matrizes binárias as propriedades sintático-semânticas, transformacionais e distribucionais de 60 verbos tidos como exclusivos ou mais recorrentes no PB que estavam descritos no *Catálogo*, mas ainda não estavam recenseados no *ViPEr*. Além desses casos específicos, a análise contrastiva contribuiu para a identificação de alguns lapsos e, portanto, na modificação e acréscimo de algumas construções verbais locativas nas classes do *ViPEr*. O Anexo C apresenta a matriz binária de alguns dos 60 verbos que foram incluídos no *ViPEr*.

O estudo das construções locativas é bastante amplo e complexo e, por isso, ainda apresenta algumas lacunas. Desse modo, espera-se, futuramente, realizar outras descrições que possam contribuir para o entendimento desse fenômeno, dentre os quais podemos citar:

- (i) a partir dos dados descritos nesta dissertação, contrastar as construções verbais locativas livres com as expressões fixas construídas com base no emprego desses mesmos verbos. Apesar de a informação das expressões muitas vezes não ser composicional, verificar-se-á se uma parte do seu significado conservará, através de uma relação metafórica, o significado das construções verbais de base. Ou seja, se algo de composicional, por via figurativa, existirá nestas expressões fixas;
- (ii) a partir dos dados descritos no *ViPEr* sobre os verbos locativos do PE, criar um léxico-gramática dos verbos locativos em língua espanhola, em uma variante ainda a ser definida.

Acreditamos que esta dissertação pôde contribuir para os estudos do fenômeno das construções verbais locativas por descrever de maneira minuciosa as suas propriedades e os principais trabalhos já realizados sobre o tema, assim como apresentar os pontos comuns e divergentes dessas construções entre as variantes brasileira e europeia da língua portuguesa.

REFERÊNCIAS

- AZEREDO, J. C. *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. 2ª ed. São Paulo: Publifolha, 2008.
- BAPTISTA, J.; CORREIA, A.; FERNANDES, G. Frozen Sentences in Portuguese: Formal Description for NLP. In: *Workshop on Multiword Expressions: Integrating Processing, International Conference of the European Chapter of the Association for Computational Linguistics*. Barcelona: ACL, 2004. pp. 72-79.
- BAPTISTA, J.; CORREIA, A.; FERNANDES, G. Léxico-gramática das frases fixas do português europeu: Breve presentación. In: *Cadernos de Fraseoloxía Galega 7*. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, 2005. pp. 41-53.
- BAPTISTA, J.; VIEIRA, L. N.; DINIZ, C.; MAMEDE, N. Coordination of -mente Ending Adverbs in Portuguese: An Integrated Solution. In: *Proceedings of International Conference on Computational Processing of Portuguese (PROPOR 2012)*. Coimbra, Portugal: Springer, 2012.
- BAPTISTA, J. ViPER: uma base de dados de construções léxico-sintáticas de verbos do Português Europeu. In: *Textos Seleccionados. XXVIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Coimbra: APL, 2013. pp. 111-129.
- BATISTA, Z. N. *Estrutura linguística e informação: uma introdução à abordagem de Zellig S. Harris sobre os fenômenos da língua*. Dissertação (Mestrado) — Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia-GO, 2008.
- BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37ª ed. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2001.
- BORBA, F. S. (Org.). *Dicionário gramatical de verbos do português contemporâneo do Brasil*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1990.
- BRAGA, M. L. *Aí e então* em expressões cristalizadas. In: *Caderno de Estudos Linguísticos*. Campinas: Unicamp, 2003. pp. 169-177.
- CANÇADO, M.; AMARAL, L. Representação lexical de verbos incoativos e causativos no português brasileiro. In: *Revista da ABRALIN*, v.9, n.2, 2010, pp. 123-147.
- CANÇADO, M.; GODOY, L. Representação lexical de classes verbais do PB. In: *Revista Alfa*, 2012, pp. 109-135.
- CANÇADO, Márcia. Semântica Lexical: uma entrevista com Márcia Cançado. *ReVEL*, vol 11, n. 20, 2013, pp. 126-137.

- CANÇADO, M.; GODOY, L.; AMARAL, L. Predicados primitivos, papéis temáticos e aspecto lexical. In: *Revista ReVEL*, v. 11, n. 20, 2013a, pp. 104-125.
- CANÇADO, M., GODOY, L.; AMARAL, L. *Catálogo de verbos do português brasileiro: classificação segundo a decomposição de predicados: verbos de mudança*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013b.
- CAVALCANTE, M. M. Facultatividade e omissão de complementos verbais. In: *Revista de Letras*. v. 19. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 1997. pp. 13-24.
- CORRÊA, R.; CANÇADO, M. Verbos de Trajetória do PB: uma descrição sintático-semântica. In: *Revista de Estudos da Linguagem*. Belo Horizonte, 2006. p. 371-404.
- COSTA, J. *O advérbio em português europeu*. Lisboa: Edições Colibri, 2008.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. Lisboa: Edições João Sá da Costa, 1984.
- GROSS, M. *Grammaire transformationnelle du français: 1 - Syntaxe du verbe*. 2^a ed. Paris: Cantilène, 1968.
- GROSS, M. *Méthodes en syntaxe*. Paris: Hermann, 1975.
- GROSS, M. Les bases empiriques de la notion de prédicat sémantique. *Langages*, 1981. p. 7-52.
- GROSS, M. *Grammaire transformationnelle du français: 3 - Syntaxe de l'adverbe*. Paris: Asstril, 1986.
- GROSS, M. La phrase élémentaire et ses composants. Une discussion de quelques exemples In: *Travaux de linguistique* 17, 1988. pp. 13-32.
- GUILLET, A.; LECLÈRE, C. *La structure des phrases simples en français: constructions transitives locatives*. Genebra: Librairie Droz S.A, 1992.
- HARRIS, Z. S. Strings and transformations in language description. *Papers on formal linguistics*, v. 1, 1961.
- HARRIS, Z. S. *A Grammar of English on Mathematical Principles*. New York, USA: John Wiley & Sons, 1982.
- HARRIS, Z. S. *Language and Information*. New York: Columbia University Press, 1988.
- HAGÈGE, C.; BAPTISTA, J.; MAMEDE, N. Reconhecimento de entidades mencionadas com o XIP: Uma colaboração entre a Xerox e o L2F do INESC-ID Lisboa. In: *Desafios na avaliação conjunta do reconhecimento de entidades mencionadas: O Segundo HAREM*. Linguatca, 2008. pp. 261-274.

- LEVIN, B.; RAPPAPORT-HOVAV, M. *Argument Realization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- MACEDO, M. E. *Construções Transitivas Locativas*. Centro de Linguística da Universidade de Lisboa. Lisboa, 1987.
- MAMEDE, N.; BAPTISTA, J; DINIZ, C.; CABARRÃO, V. STRING: An hybrid statistical and rule-based Natural Language Processing chain for Portuguese. In: *Proceedings of International Conference on Computational Processing of Portuguese (PROPOR 2012)*. Coimbra, Portugal: Springer, 2012.
- MOLINIER, C. LEVRIER, F. *Grammaire des adverbes: description des formes en –ment*. Genève-Paris: Librairie Droz, 2000.
- NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 2000.
- RAMOS, R. T. Em busca de uma caracterização geral do topônimo. In: *Cadernos do CNLF*. Volume XII, Caderno 9. Rio de Janeiro: Instituto de Letras da UERJ, 2008. Disponível em < <http://www.filologia.org.br/xiicnlf/09/05.pdf>>, acesso em julho de 2015.
- RASSI, A. P. *Estatuto sintático-semântico do verbo 'fazer' no Português escrito do Brasil*. Dissertação (Mestrado). Goiânia: Universidade Federal de Goiás (UFG), 2008.
- RASSI, A. P. *Descrição, classificação e processamento automático das construções com o verbo dar em Português do Brasil*. Tese de Doutorado. São Carlos: Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), 2015.

ANEXOS

Anexo A

O Quadro abaixo apresenta a lista completa, que faz parte do léxico da gramática do português desenvolvida para o analisador XIP, com as *locuções prepositivas* que introduzem um complemento locativo, seja *estático* ou *dinâmico*.

Locuções prepositivas

Locuções Prepositivas <i>Estáticas</i>	Locuções Prepositivas <i>Dinâmicas</i>
<i>defronte a, em face a/de, face a, (em) frente a (de), junto a, frente a, cerca de, à altura de, à beira de, à boca de, à cabeça de, à direita de, à esquerda de, a dois passos de, à entrada de, à frente de, à jusante de, à montante de, à par de, a poucos passos de, à saída de, à volta de, abaixo de, acima de, adiante de, além de, aquém de, ao lado de, ao largo de, ao nível de, ao pé de, às portas de, atrás de, de cima de, debaixo de, defronte de, dentro de, diante de, embaixo de, em cima de, ao redor de, em torno de, fora de, junto de, longe de, na frente de, na retaguarda de, na vanguarda de, no exterior de, no fundo de, no interior de, no meio de, no seio de, nas costas de, para os lados de, perto de, por baixo de, de costas para, de frente para.</i>	<p>de origem: <i>de dentro de, de diante de, de fora de, de frente de, detrás de, do alto de.</i></p> <p>de trajetória: <i>à meio caminho de, ao longo de, através de, de volta de, pela frente, por cima de, por cima de, por debaixo de, por dentro de, por detrás de, por diante de, por fora de, por trás de, por volta de, por entre, por sobre.</i></p> <p>de destino: <i>até a, em direção à, rumo a, a caminho de, ao redor de, em direção de, para a frente de, para além de, para o pé de, para baixo de, para cima de, para dentro de, para adiante de, para trás de.</i></p>

Anexo B

O Quadro abaixo apresenta os verbos que foram posteriormente recenseados no *ViPER* com a etiqueta PB, por serem exclusivos ou mais usuais no Português do Brasil. Como já mencionado, esta lista foi gerada a partir da análise contrastiva dos verbos do *Catálogo* com os verbos do *ViPER*. Dos 69 verbos que não estavam recenseados no *ViPER*, 9 ainda não foram incluídos nessa lista final, seja por serem muito específicos do PB, seja por possuírem uma baixa frequência de ocorrência em ambas as variantes da língua portuguesa. Os verbos são: *assoalhar*, *azulejar*, *cachear*, *depravar*, *descabelar*, *emassar*, *inimizar*, *insensibilizar* e *solar*.

Verbos do PB recenseados no ViPER

LEMA	Catálogo	ViPER	Estrutura do ViPER ²²	Exemplo	Formas no PE
abobalhar	MENV	04	<i>Nnr₀ V Hum₁</i>	<i>Os programas de tv abobalham as crianças.</i>	
adereçar	MP	36R	<i>N₀ V N₁ Prep₂ N₂</i>	<i>A decoradora adereçou o quarto das meninas com ursinhos.</i>	
afinar	MEOV	32TA	<i>N₀ Adj-v N₁</i>	<i>A esteticista afinou a sobrancelha da cliente.</i>	
amoitar	MEL	38LD	<i>N₀ Vdin N₁ Loc-d₂ Nloc₂</i>	<i>O garoto amoitou os brinquedos no jardim.</i>	
arregaçar	MEOV	32C	<i>N₀ V nHum₁</i>	<i>O vândalo/a batida arregaçou o carro.</i>	
arrolhar	MP	38L4	<i>N₀ Nobj-v Nloc-d₁</i>	<i>O Pedro arrolhou a garrafa.</i>	rolhar
asilar	MEL	38LD	<i>N₀ Vdin N₁ Loc-d₂ Nloc₂</i>	<i>A Europa sempre asilou os refugiados políticos.</i>	
bambear	MEI	32CL	<i>N₀ V Npc₁</i>	<i>As pernas do Pedro bambeavam.</i>	
baratear	MEOV	32TA	<i>N₀ Adj-v N₁</i>	<i>O comerciante barateou os produtos alimentares.</i>	
concretar	MP	38L4	<i>N₀ Nobj-v Nloc-d₁</i>	<i>O pedreiro concretou o chão do quintal.</i>	
convalidar	MEV	32TA	<i>N₀ Adj-v N₁</i>	<i>O diretor convalidou diploma.</i>	
dedetizar	MP	38L4	<i>N₀ Nobj-v Nloc-d₁</i>	<i>O funcionário dedetizou a casa.</i>	
densificar	MEOV	32TA	<i>N₀ Adj-v N₁</i>	<i>O foco de incêndio densificou a fumaça.</i>	
desacordar	MEI	31H	<i>N₀ V Hum₁</i>	<i>A moça desacordou subitamente.</i>	
desamarrotar	MEOV	32C	<i>N₀ V nHum₁</i>	<i>O vapor desamarrotou a roupa.</i>	
desamassar	MEOV	32C	<i>N₀ V nHum₁</i>	<i>O Pedro desamassou a roupa/o papel.</i>	
descascar	MEOV	32C	<i>N₀ V nHum₁</i>	<i>A tinta da parede descascou.</i>	
descosturar	MEOV	32C	<i>N₀ V nHum₁</i>	<i>A bainha da saia descosturou.</i>	descoser

²² Notações: *N₀*, *N₁*, *N₂*: sujeito e complementos; *Prep*: preposição; *Adj*: adjetivo; *Adv*: advérbio; *Hum*: nome humano; *nHum*: nome não-humano; *Nc₁*: nome com fortes restrições distribucionais; *Npc*: nome parte-do-corpo; *Npl*: nome plural; *Nloc*: nome locativo; *Nnr*: nome não-restrito; *Nobj*: “objeto”; *Loc*: preposição locativa; *V*: verbo; *Vdin*: verbo locativo dinâmico; *Vstat*: verbo locativo estativo.

LEMA	Catálogo	ViPEr	Estrutura do ViPEr	Exemplo	Formas no PE
desembaçar	MEOV	32C	$N_0 V nHum_1$	<i>O Pedro desembaçou o vidro.</i>	desembaciar
desenlaçar	MEOV	32C	$N_0 V nHum_1$	<i>A camareira desenlaçou os cordões do espartilho da atriz.</i>	
desinflamar	MEOV	32C	$N_0 V nHum_1$	<i>O medicamento desinflamou a ferida.</i>	
despetalar	MEOV	38L5	N_0 <i>Nobj-v</i> $Nloc-s_1$	<i>O Pedro despetalou o malmequer.</i>	
destampar	MEOV	32C	$N_0 V nHum_1$	<i>O Pedro destampou a panela.</i>	destapar
destroncar	MEOV	32CL	$N_0 V Npc_1$	<i>O acidente/o Pedro destroncou o braço do João.</i>	
embaçar	MEOV	32C	$N_0 V nHum_1$	<i>O Pedro embaçou o vidro.</i>	embaciar
embananar	MEOV	04	$Nnr_0 V Hum_1$	<i>O acidente/ o guarda embananou o tráfego.</i>	abanar
embolar	MEOV	32C	$N_0 V nHum_1$	<i>O Pedro/ a brincadeira dos gatos embolou a lã.</i>	
embolorar	MEI	32C	$N_0 V nHum_1$	<i>A umidade embolorou o pão.</i>	abolorecer
empedrar	MEI	32R	$N_0 V Nc_1$	<i>O leite da mãe empedrou.</i>	
empipocar	MEI	32CL	$N_0 V Npc_1$	<i>Isso empipocou o rosto do João.</i>	
emplacar	MP	32R	$N_0 V Nc_1$	<i>O Pedro emplacou o carro.</i>	
empolar	MEI	32CL	$N_0 V Npc_1$	<i>Isso empolou o rosto do João.</i>	
encapar	MP	38L4	N_0 <i>Nobj-v</i> $Nloc-d_1$	<i>O estudante encapou os seus livros.</i>	
encovar	MEL	38LD	N_0 <i>Vdin</i> N_1 $Loc-d_2$ $Nloc_2$	<i>A tartaruga encova os seus ovos na areia da praia.</i>	
enfarar	MENV	04	$Nnr_0 V Hum_1$	<i>A ladainha da velha enfarou o Pedro.</i>	
Enfear	MEOV	32C	$N_0 V nHum_1$	<i>Isso enfeava a casa toda.</i>	
enfumaçar	MEOV	38L4	N_0 <i>Nobj-v</i> $Nloc-d_1$	<i>O Pedro enfumaçou a casa toda.</i>	enfumarar
enfurnar	MEL	38LD	N_0 <i>Vdin</i> N_1 $Loc-d_2$ $Nloc_2$	<i>O Pedro enfurnou o dinheiro debaixo do colchão.</i>	
entrevar	MENV	32C	$N_0 V nHum_1$	<i>A inércia entrevou o cavalo.</i>	
envelopar	ML	38L2	N_0 <i>Nloc-v</i> $Nobj_1$	<i>O Pedro envelopou os documentos.</i>	
esbagaçar	MEOV	38PL	N_0 <i>V</i> N_1 $Prep_2$ Npl_2	<i>A Ana esbagaçou a sacola em fiapos.</i>	
espedaçar	MEOV	38PL	N_0 <i>V</i> N_1 $Prep_2$ Npl_2	<i>A explosão espedaçou o carro em pedacinhos.</i>	
estadualizar	MEV	32C	$N_0 V nHum_1$	<i>O governo de São Paulo estadualizou o hospital.</i>	
estocar	MEL	38LD	N_0 <i>Vdin</i> N_1 $Loc-d_2$ $Nloc_2$	<i>O Pedro estocou os alimentos na despensa.</i>	
federalizar	MEV	32C	$N_0 V nHum_1$	<i>O governo federalizou a lei de incentivo à cultura.</i>	
grilar	MENV	04	$Nnr_0 V Hum_1$	<i>A indiferença da namorada grilou o garoto.</i>	
imantar	MEOV	32C	$N_0 V nHum_1$	<i>Isso imantava os objetos de metal.</i>	
infecionar	MEOV	32C	$N_0 V nHum_1$	<i>A falta de higiene infeccionou a ferida do paciente.</i>	
instrumentalizar	MP	38L4	N_0 <i>Nobj-v</i> $Nloc-d_1$	<i>O pesquisador instrumentalizou o laboratório.</i>	
intranquilizar	MENV	04	Nnr_0 <i>V</i> Hum_1	<i>Essa notícia intranquilizou a população.</i>	
jovializar	MEOV	32C	$N_0 V nHum_1$	<i>O cirurgião jovializou a Ana.</i>	

LEMA	Catálogo	ViPEr	Estrutura do ViPEr	Exemplo	Formas no PE
motorizar	MEOV	38L4	N_0 <i>Nobj-v</i> $Nloc-d_1$	<i>O construtor motorizou o processo de produção.</i>	
palmilhar	MP	38L4	N_0 <i>Nobj-v</i> $Nloc-d_1$	<i>O sapateiro palmilhou os sapatos.</i>	
parafusar	MP	38LD	N_0 <i>Vdin N₁</i> $Loc-d_2$ $Nloc_2$	<i>O Pedro parafusou a prateleira à parede.</i>	aparafusar
pretejar	MEI	32C	N_0 <i>V nHum₁</i>	<i>O anel pretejou.</i>	
quietar	MEOV	04	Nnr_0 <i>V Hum₁</i>	<i>Isso aquietava o menino.</i>	aquietar
resinar	MP	38L4	N_0 <i>Nobj-v</i> $Nloc-d_1$	<i>O Pedro resinou os móveis da casa.</i>	
roxear	MEI	32TA	N_0 <i>Adj-v N₁</i>	<i>A quaresmeira roxeou.</i>	arroxear
tontear	MEI	32C	N_0 <i>V nHum₁</i>	<i>O Pedro tonteou.</i>	
tumultuar	MEOV	32C	N_0 <i>V nHum₁</i>	<i>O guarda/o protesto tumultuou o trânsito.</i>	

Anexo C

A tábua a seguir apresenta a matriz binária com algumas propriedades dos verbos locativos que foram recenseados no *ViPEr* com a etiqueta B, por serem exclusivos ou mais usuais no Português do Brasil.

Matriz binária dos verbos locativos incluídos no *ViPEr*

lema	Classe	N0 Sem Role	N0=0	N0=Hum	N0=nHum	N0=Nnr	N0=Npl	N0=Nloc	N0=QueF	N0=sem-X	Prep1=0	Prep1=a	Prep1=com	Prep1=de	Prep1=em	Prep1=para	Prep1=por	Prep1=sobre	Prep1=Loc	Prep1=other	N1:cindir	N1:cdir	N1=N0 [PronR]
amoitar	38LD	agent-gen	-	+	-	-	-	-	-	-	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+	-
arrolhar	38L4	agent-gen	-	+	-	-	-	-	-	-	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+	-
asilar	38LD	agent-gen	-	+	-	-	-	-	-	-	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+	-
concretar	38L4	agent-gen	-	+	-	-	-	-	-	-	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+	-
dedetizar	38L4	agent-gen	-	+	-	-	-	-	-	-	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+	-
despetalar	38L5	agent-gen	-	+	-	-	-	-	-	-	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+	-
encapar	38L4	agent-gen	-	+	-	-	-	-	-	-	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+	-
encovar	38LD	agent-gen	-	+	-	-	-	-	-	-	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+	-
enfumaçar	38L4	agent-gen	-	+	-	-	-	-	-	-	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+	-
enfurnar	38LD	agent-gen	-	+	-	-	-	-	-	-	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+	-
envelopar	38L2	agent-gen	-	+	-	-	-	-	-	-	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+	-
estocar	38LD	agent-gen	-	+	-	-	-	-	-	-	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+	-
instrumentalizar	38L4	agent-gen	-	+	-	-	-	-	-	-	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+	-
motorizar	38L4	agent-gen	-	+	-	-	-	-	-	-	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+	-
palmilhar	38L4	agent-gen	-	+	-	-	-	-	-	-	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+	-
parafusar	38LD	agent-gen	-	+	-	-	-	-	-	-	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+	-
resinar	38L4	agent-gen	-	+	-	-	-	-	-	-	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+	-

Fonte: Retirado do *ViPEr* (Baptista, 2013)

